



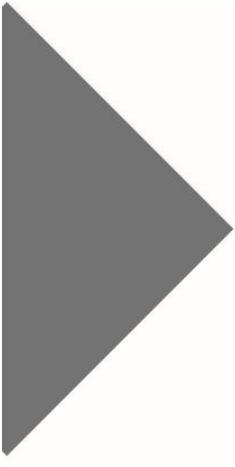
Maria Lília I. Sousa Colares
Dora Fonseca
Kedna Syuianne Q. M. Menezes
Luciene Maria da Silva
(Orgs.)

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR

E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

VOL. 2





ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR

**E FORMAÇÃO DOCENTE:
RELATOS DE EXPERIÊNCIA
VOL. 2**

DIAGRAMAÇÃO

Kédna Syuianne Quintas Melo Menezes

Luciene Maria da Silva

CAPA

Adrielle Nara Serra Bezerra

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares - UFOPA

Prof. Dr. Denilson Diniz Pereira - UFAM

Prof. Dr. Leandro Sartori – UERJ

Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto - UFSCar

Profa. Dra. Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo – UFPA

Profa. Dra. Maria Antônia Vidal Ferreira – UFOPA

Profa. Dra. Samai Serique dos Santos Silveira - IFPA

Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves – UFPA

Publicação viabilizada pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
– Curso de Pedagogia da UFOPA por meio do componente curricular Estágio
Curricular Supervisionado em Gestão Escolar.

O conteúdo deste livro é de exclusiva responsabilidade dos autores

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

E79 Estágio supervisionado em gestão escolar e formação docente: relatos de experiência [livro eletrônico]./ Maria Lília Imbiriba de Sousa Colares, Dora Fonseca, Kédna Syui-anne Quintas Melo Menezes e Luciene Maria da Silva [Org.]. – Santarém, 2025.

93 p. : il. Índice:
v.2.

Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/>
ISBN: 978-65-83897-13-8(E-book).

Publicação viabilizada pela Universidade Federal do Oeste do Pará – Curso de Pedagogia da Ufopa por meio componente curricular Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar.

1. Educação-Amazônia. 2. Gestão escolar- Amazônia. 3. Formação docente. I. Colares, Maria Lília Imbiriba de Sousa (org.). II. Fonseca, Dora (org.). III. Menezes, Kédna Syui-anne Quintas Melo (org.). IV. Silva, Luciene Maria da (org.). V. Título.

CDD: 23 ed. 370.7098115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440

Maria Lília Imbiriba Sousa Colares
Dora Fonseca
Kédna Syuianne Quintas Melo Menezes
Luciene Maria da Silva
(Orgs.)

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO
DOCENTE: Relato de Experiência (Vol. 2)**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares Kédna Syuianne Quintas Melo Menezes Luciene Maria da Silva	
GESTÃO ESCOLAR: Relatos e aprendizagens no estágio supervisionado	9
Kédna Syuianne Quintas Melo Menezes Maria Lília Imbiriba Sousa Colares	
O PRESENTE QUE SE REFLETE AO FUTURO QUE SE CRIA: Autoconhecimento como ato pedagógico	20
Ádria Maria Catunda Dias Flávia Karine Almeida Barbosa	
VIVÊNCIAS: O Estágio em gestão como espaço de escuta e transformação.	29
Elizana Oliveira da Silva Íris Kailany Nascimento Lemos Jasmine Marcilene Alves	
PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS EDUCATIVOS ACERCA DOS BANHEIROS ESCOLARES: desafios e perspectivas.	36
Luciana Ferreira Marcião Rayla da Silva Gonçalves Samara Nogueira de Sousa	
DESAFIOS QUE OS JOVENS ENFRENTAM EM SEU PROCESSO EDUCATIVO: Indisciplina, desmotivação e assédio entre pares.	52
Larissa Oliveira da Silva Roberta Vinhote Rodrigues Silvane da Silva Rocha	
O QUE VOCÊ COMPARTILHA DIZ QUEM VOCÊ É: Escolhas, palavras e consequências.	64
Priscila Taiane Ferreira Andrade	
MAIO LARANJA: Olhares Atentos: Prevenção, identificação e ação contra o abuso sexual de crianças e adolescentes.	74

Moisés Guimarães Cardoso
Willemes André Lopes Batista

ESPAÇO LER: Revitalização da biblioteca como ato de gestão democrática 82

Elciclei Araújo Rêgo
Leandro Sousa Brito
Yasmim Coelho dos Santos

APRESENTAÇÃO

Maria Lília Imbiriba Sousa Colares¹

Dora Fonseca²

Kédna Syuianne Quintas Melo Menezes³

Luciene Maria da Silva⁴

O e-book ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO DOCENTE: Relato de Experiência (Vol. 2) dá continuidade ao trabalho iniciado no primeiro volume publicado em 2023, mantendo como eixo central a relação entre teoria e prática no processo formativo. Esta segunda edição reúne textos produzidos no âmbito do componente curricular Estágio Supervisionado em Gestão Escolar, desenvolvido no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), no primeiro semestre de 2025.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular da Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE-PGEDA/UFOPA. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação. Pesquisadora Produtividade CNPq. Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR/UFOPA). E-mail: liliacolares@gmail.com.

² Doutora em Ciências da Educação e pós-doutorada em Administração Educacional pela Universidade de Aveiro. É investigadora integrada do Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores” (CIDTFF) e Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia. Em termos de investigação, no domínio das Políticas Educacionais e da Administração Educacional, tem vindo a desenvolver estudos (em Portugal e no Brasil) no âmbito dos processos de descentralização da educação, de avaliação organizacional e de regulação educacional. Na Universidade de Aveiro, leciona unidades curriculares da área de Políticas Educacionais e Administração Educacional em cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento. É coordenadora do Conselho de Qualidade e Avaliação do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

³ Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGE/Ufopa). Professora Substituta da Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente do Curso de Administração/UFOPA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR/UFOPA). E-mail: kedna.melo@ufopa.edu.br

⁴ Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGE/Ufopa). Coordenadora Pedagógica, Titular, na Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná-PA (SEMED). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR/UFOPA). E-mail: lulucyenesilva@gmail.com.

O presente volume continua com a articulação entre graduação e pós-graduação, sendo organizado a partir das discussões teóricas conduzidas por duas professoras da área de gestão educacional e escolar, em diálogo com duas doutorandas do Programa de Pós-graduação em Educação (UFOPA).

Diferentemente do Vol. 1, organizado a partir da experiência compartilhada entre professoras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), este novo volume traz como novidade a colaboração acadêmica internacional estabelecida entre uma professora da Universidade de Aveiro (Portugal) e uma professora da UFOPA (Brasil), ambas responsáveis por disciplinas relacionadas a gestão escolar, formação docente e estágio supervisionado em seus países. Essa aproximação fortalece o intercâmbio de saberes e experiências entre Brasil e Portugal, ampliando o alcance e o significado das reflexões sobre gestão escolar e formação docente.

A colaboração acadêmica internacional é importante para enfrentar os desafios que se colocam à formação na contemporaneidade. O trabalho de parceria permite intensificar o intercâmbio de experiências e práticas de gestão escolar, mas também a partilha de perspetivas críticas sobre modelos de formação docente. Projetos de cooperação acadêmica entre Brasil e Portugal consolidam redes de trabalho que reforçam a investigação, valorizam a dimensão local e internacional e potenciam o desenvolvimento dos processos de gestão escolar e de formação docente em ambos os contextos.

Os relatos aqui reunidos são fruto do trabalho de uma nova turma do curso de Pedagogia, 2022, que realizou o estágio curricular em gestão escolar em escolas da educação básica do município de Santarém-PA, abrangendo unidades municipais, estaduais e particulares. Os capítulos expressam, a partir dos relatórios finais, reflexões sobre a caracterização dos campos de atuação, a identificação de problemas no cotidiano da prática educativa e a elaboração de projetos de intervenção apresentados aos gestores escolares em consonância com o planejamento institucional.

Mantendo os objetivos do estágio — caracterizar o campo, analisar problemas, propor alternativas e apresentar projetos de intervenção —, este volume reúne sete (7) capítulos produzidos pelos estudantes da turma de Pedagogia/2022 e um (1) pela professora da disciplina e uma estagiária.

Assim, ao mesmo tempo, em que preserva a unidade temática do Vol. 1, o Vol. 2 amplia a sistematização das experiências e contribui para o registro científico das práticas realizadas em diferentes contextos escolares, contribuindo para a relevância do estágio supervisionado em gestão escolar como parte constitutiva da formação docente.

Convidamos, portanto, à leitura desta coletânea, certos de que os relatos aqui reunidos oferecem reflexões e aprendizados sobre os desafios e as possibilidades da gestão escolar e da formação de futuros professores — agora enriquecidos pela participação perspectiva internacional.

CAPÍTULO 01

GESTÃO ESCOLAR: Relatos e aprendizagens no estágio supervisionado

Kédna Syuianne Quintas Melo Menezes⁵

Maria Lilia Imbiriba Sousa Colares⁶

INTRODUÇÃO

O Estágio de Docência no doutorado, regulamentado pela Resolução de 19 de setembro de 2014 do Programa de Pós-graduação em Educação da UFOPA, constitui um componente curricular obrigatório que visa propiciar ao pós-graduando experiência na docência universitária e contribuir para a qualificação do ensino de graduação. Ou seja, o estágio é um espaço formativo que possibilita ao doutorando vivenciar a prática docente de forma orientada, integrando teoria e prática em contextos reais de trabalho (Lima; Leite, 2019).

De acordo com Pimenta e Lima (2012), o estágio é um campo de conhecimento que se produz na interação entre a formação acadêmica e o campo social onde se desenvolvem as práticas educativas. No contexto do *stricto sensu*, esse processo não apenas reforça a competência pedagógica, mas também amplia a capacidade investigativa e crítica, elementos indispensáveis à formação de pesquisadores-docentes.

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar as atividades realizadas no Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, ministrado

⁵ Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGE/Ufopa). Professora Substituta da Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente do Curso de Administração/UFOPA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR/UFOPA). E-mail: kednasyuianneqm@gmail.com

⁶ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular da Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE-PGEDA/UFOPA. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação. Pesquisadora Produtividade CNPq. Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR/UFOPA). E-mail: liliacolares@gmail.com.

no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFOPA, turma de 2022, detalhando desde a fase introdutória até a socialização final, e refletindo sobre sua contribuição para a formação acadêmica e profissional na pós-graduação.

O estágio de docência em gestão escolar, no contexto da pós-graduação, difere do estágio realizado na graduação. Enquanto este último geralmente constitui o primeiro contato com o campo escolar, o estágio no doutorado demanda do pós-graduando não apenas a apropriação de conteúdos e metodologias, mas a capacidade de orientar, planejar e conduzir processos formativos complexos (Lück, 2009).

Lima e Colares (2021) destacam que a formação docente nesse nível exige compreender situações concretas nos contextos escolares e universitários, construindo soluções pedagógicas que dialoguem com as demandas institucionais e sociais. Assim, o estágio se configura como um espaço para exercitar a liderança acadêmica, a gestão de sala de aula, o diálogo com pares e discentes, e a mediação de conflitos pedagógicos.

No caso específico da gestão escolar, o estágio proporciona o contato direto com a dimensão organizacional da escola, incluindo processos administrativos, pedagógicos e políticos, e exige do estagiário a capacidade de integrar tais dimensões em projetos de intervenção viáveis (Pimenta; Lima, 2012; Lima; Leite, 2019).

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, abordando a vivência do estágio em Gestão Escolar em uma turma do curso de pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará na disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar que possui uma carga horária de 100 horas. As atividades de estágio foram realizadas sob a supervisão da docente da Ufopa e das estagiárias de doutorado em educação.

DA OBSERVAÇÃO À INTERVENÇÃO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA NA AMAZONIA BRASILEIRA

O estágio ocorreu no primeiro semestre de 2025, com a apresentação e discussão do Programa do Componente Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar e da Resolução nº 177/2017, que regulamenta o Regimento de

Graduação da UFOPA. Nesse encontro, houve também a exposição teórica do livro Estágio na Licenciatura em Pedagogia (Introdução e Cap. I – Do diretor ao gestor (Prado, 2012) , pela estagiária doutoranda em educação sob supervisão da professora responsável pela turma.

Foi realizada aula expositiva sobre o Capítulo II – O Estágio Curricular em Gestão Educacional da mesma obra, seguida de orientações realizada pela docente responsável pela disciplina sobre a elaboração do Relatório de Caracterização da Escola e conduziu a formação dos grupos e discussão sobre o roteiro de observação.

Durante a disciplina os alunos foram destinados para realização do estágio em gestão escolar que foi composto em 3 etapas chamados de observação, participação e por último intervenção. A etapa de observação, consistiu na organização dos grupos de estágio com o objetivo de elaborar o diagnóstico institucional de cada escola-campo. Esse processo envolveu a análise de documentos oficiais, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), o regimento escolar, planos de ação e atas de reuniões, bem como a realização de entrevistas com membros da equipe gestora. Tais ações permitiram compreender a cultura organizacional das instituições e identificar demandas prioritárias que serviriam de base para as etapas seguintes, especialmente para a proposição de intervenções alinhadas à realidade observada.

Na etapa de participação, os estagiários realizaram a leitura de materiais de apoio voltados para fundamentar teoricamente o projeto de intervenção. Essa fase incluiu a atuação direta nos diversos setores que compõem a gestão escolar como direção, coordenação pedagógica, supervisão, orientação educacional, secretaria, colegiado e conselho escolar, possibilitando vivenciar a complexidade do trabalho administrativo-pedagógico. Além disso, houve participação em reuniões, seminários e outras atividades institucionais, nas quais se discutiram aspectos relevantes para a gestão e se definiram os temas que subsidiariam a elaboração dos projetos de intervenção.

A etapa de intervenção representou o momento de aplicação dos projetos nas escolas-campo, considerando as demandas previamente

identificadas no diagnóstico e nas observações. Durante a execução, buscou-se promover ações concretas capazes de contribuir para a melhoria dos processos institucionais. Após a aplicação, realizou-se uma revisão e reflexão coletiva sobre os resultados obtidos, analisando-se os avanços e os desafios encontrados, bem como a pertinência das estratégias adotadas.

Esta etapa do estágio proporcionou um importante espaço de diálogo acerca das intervenções, uma vez que nem todas as ideias e objetivos traçados pelos alunos foram alcançados, e esses desafios encontrados foram discutidos e analisados a luz dos textos lidos no decorrer das aulas em sala.

Os temas dos projetos de intervenção de autoria dos alunos da turma de pedagogia, estão dispostos da tabela 1:

Tabela 1: Relação dos projetos de intervenção aplicados pelos estagiários nas escolas.

Título do Projeto
O PRESENTE QUE SE REFLETE AO FUTURO QUE SE CRIA: Autoconhecimento como Ato Pedagógico.
VIVÊNCIAS: O Estágio em Gestão como Espaço de Escuta e Transformação.
PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS EDUCATIVOS ACERCA DOS BANHEIROS ESCOLARES: desafios e perspectivas.
DESAFIOS QUE OS JOVENS ENFRENTAM EM SEU PROCESSO EDUCATIVO: Indisciplina, desmotivação e assédio entre pares.
O QUE VOCÊ COMPARTILHA DIZ QUEM VOCÊ É: Escolhas, Palavras e Consequências.
MAIO LARANJA: Olhares Atentos: Prevenção, Identificação e Ação Contra o Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes.
ESPAÇO LER: Revitalização da Biblioteca como Ato de Gestão Democrática
A IMPORTÂNCIA DOS HÁBITOS SAUDÁVEIS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS
RESGATANDO O REGIMENTO ESCOLAR
ORGANIZAÇÃO E OTIMIZAÇÃO DA SALA DE ARQUIVOS DA ESCOLA
PERMANECER É RESISTIR: Valorizando a Educação para Evitar a Evasão Escolar
CUIDAR E PRESERVAR O AMBIENTE ESCOLAR
OS DESAFIOS QUE OS JOVENS ENFRENTAM EM SEU PROCESSO EDUCATIVO
SEGURANÇA ONLINE: como se proteger?

Fonte: Elaborada pelas autoras (2025) a partir dos relatórios do estágio.

Observa-se que os temas dos projetos de intervenção desenvolvido pelos alunos são diversificados e contemplam diferentes campos de atuação dos gestores escolares. É importante enfatizar que os temas foram elaborados a partir da observação dos alunos nas escolas onde o estágio foi desenvolvido, por meio de um diagnóstico onde foi possível identificar as principais problemáticas existentes nos ambientes escolares.

No projeto de intervenção **O PRESENTE QUE SE REFLETE AO FUTURO QUE SE CRIA: Autoconhecimento como Ato Pedagógico**, os alunos desenvolveram ações voltadas à motivação e ao planejamento de vida, a partir da constatação de que havia desmotivação e dificuldade em estabelecer metas pessoais e acadêmicas. Eles organizaram dinâmicas reflexivas e rodas de conversa que promoveram o autoconhecimento, incentivaram a valorização das próprias histórias e a construção de projetos de vida. Nessas atividades, os estudantes foram convidados a refletir sobre quem são, como são vistos e o que desejam para si, exercitando o protagonismo e fortalecendo a responsabilidade sobre a própria trajetória. Ao final, observou-se que os alunos conseguiram visualizar com mais clareza seus objetivos e compreenderam que o planejamento pessoal é uma ferramenta importante para alcançar seus sonhos.

VIVÊNCIAS: O Estágio em Gestão como Espaço de Escuta e Transformação foi desenvolvido pelos alunos para atender à necessidade de adaptação de estudantes do 1º ano do Ensino Médio, etapa marcada por mudanças emocionais, sociais e acadêmicas. As atividades incluíram rodas de conversa, dinâmicas e momentos de orientação sobre organização dos estudos, autoestima e definição de metas. Os alunos também estimularam reflexões sobre o futuro e a importância da permanência escolar, considerando que a evasão e a desmotivação são desafios recorrentes nesta etapa. Ao final, os participantes relataram maior segurança para enfrentar as novas demandas e sentiram-se mais acolhidos pela comunidade escolar.

Na intervenção **PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS EDUCATIVOS ACERCA DOS BANHEIROS ESCOLARES: desafios e perspectivas**, os alunos investigaram

problemas relacionados à higiene e à preservação desses espaços, realizando entrevistas com diferentes membros da comunidade escolar. A partir dos dados, promoveram rodas de conversa para discutir soluções e conscientizar sobre a importância do cuidado coletivo. Apesar dos esforços, reconheceram que mudanças efetivas demandam ações contínuas e melhorias estruturais.

DESAFIOS QUE OS JOVENS ENFRENTAM EM SEU PROCESSO EDUCATIVO:

Indisciplina, desmotivação e assédio entre pares foi planejada pelos alunos com o objetivo de promover a cultura da paz e o fortalecimento das relações humanas na escola. Eles organizaram encontros com as turmas do 8º e 9º ano, utilizando recursos como rodas de conversa e a dinâmica “Linha do Tempo Humana”, que permitiram aos participantes expressarem experiências e opiniões sobre situações de conflito. Ao longo das atividades, os estudantes refletiram sobre valores como respeito, empatia e diálogo, compreendendo a importância de contribuir para um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. O trabalho destacou que a prevenção à violência passa pelo desenvolvimento de habilidades socioemocionais e pela valorização da escuta ativa.

O projeto **O QUE VOCÊ COMPARTILHA DIZ QUEM VOCÊ É: Escolhas, Palavras e Consequências** abordou o impacto das interações nas redes sociais e no convívio escolar, tratando de temas como fofoca, bullying e exclusão. Os alunos criaram espaços de diálogo para promover o respeito e a empatia, reforçando a responsabilidade no uso da linguagem e da tecnologia. As atividades geraram discussões significativas e maior conscientização sobre o tema.

No projeto **MAIO LARANJA: Olhares Atentos - Prevenção, Identificação e Ação Contra o Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes**, os alunos desenvolveram um conjunto de ações de sensibilização e formação sobre a violência sexual infanto-juvenil. As atividades incluíram rodas de conversa, elaboração de materiais informativos, apresentação de protocolos de encaminhamento de denúncias e articulação com instituições da rede de proteção. Além disso, os alunos planejaram momentos de formação teórica e prática para profissionais da educação, visando ampliar a capacidade de

prevenção e resposta diante de casos de abuso. A iniciativa surgiu da percepção de que o tema ainda é permeado por silêncios e tabus, e, portanto, exigia uma abordagem educativa comprometida com a proteção integral de crianças e adolescentes.

No projeto **ESPAÇO LER: Revitalização da Biblioteca como Ato de Gestão Democrática**, os alunos se dedicaram à revitalização da biblioteca escolar, que estava desativada, com o objetivo de transformá-la em um ambiente pedagógico, artístico e afetivo. Eles reorganizaram o acervo, melhoraram a disposição do mobiliário e propuseram elementos que tornassem o espaço mais atrativo e esteticamente agradável. A iniciativa partiu da compreensão de que o espaço físico influencia o interesse pela leitura e que a biblioteca deve ser um local acolhedor e culturalmente significativo. A intervenção resultou em um ambiente mais convidativo, capaz de estimular o hábito da leitura e fortalecer a função social da escola como espaço de acesso ao conhecimento.

No âmbito da disciplina foram realizados ao todo 14 trabalhos de intervenção desenvolvidos por estudantes do curso de Pedagogia com foco em práticas de gestão e articulação com a comunidade escolar. Desses 14 trabalhos, 7 foram selecionados e transformados em capítulos que compõem este e-book, sendo publicados em formato de relato de experiência. Os demais trabalhos, embora igualmente relevantes, não foram incluídos nesta edição.

A seguir, serão apresentados breves resumos descritivos dos capítulos não publicados, com o intuito de publicizar as propostas desenvolvidas das ações pedagógicas realizadas durante o estágio.

Na intervenção **A importância dos hábitos saudáveis para o desenvolvimento das crianças**, os estudantes trabalharam sobre alimentação equilibrada e prática regular de atividades físicas. Foram realizadas atividades lúdicas, como jogos e classificação de alimentos, rodas de conversa sobre hábitos de vida e degustação de salada de frutas. Essas ações possibilitaram que as crianças identificassem práticas alimentares inadequadas e compreendessem a importância de uma rotina mais saudável. O

envolvimento foi significativo, e os participantes demonstraram interesse em adotar mudanças, tanto na escola quanto em casa.

O projeto **Resgatando o Regimento Escolar** teve como objetivo conscientizar os alunos sobre a importância do cumprimento das regras internas, especialmente quanto à pontualidade e ao uso do fardamento. Em três dias de atividades educativas e motivadoras, os alunos promoveram debates e ações que incentivaram o senso de pertencimento e o respeito mútuo. As discussões ressaltaram que as regras não são apenas imposições, mas ferramentas para a organização escolar e para o bom convívio entre todos.

No projeto **Organização e otimização da sala de arquivos da escola**, os alunos atuaram em parceria com a equipe gestora e a secretaria escolar para melhorar as condições físicas e funcionais do espaço. Foram elaboradas estratégias de organização, categorização de documentos e otimização do ambiente, visando facilitar o acesso e garantir melhor conservação dos arquivos. A ação foi conduzida de forma colaborativa, respeitando as demandas e o contexto da instituição.

O projeto **Permanecer é Resistir: Valorizando a Educação para Evitar a Evasão Escolar** foi realizado com turmas do 7º, 8º e 9º ano e buscou discutir os fatores que contribuem para o abandono dos estudos. Os alunos conduziram rodas de conversa, levantaram reflexões sobre o papel da escola no futuro dos jovens e incentivaram a valorização da educação como meio de acesso a melhores condições de vida e oportunidades profissionais. O trabalho também reforçou a importância do apoio familiar e escolar para a permanência dos estudantes.

No projeto **Cuidar e Preservar o Ambiente Escolar**, os alunos iniciaram uma campanha para incentivar a inscrição no ENEM entre os concluintes do Ensino Médio. Além disso, aplicaram formulários para compreender a realidade socioeconômica e as expectativas dos colegas em relação ao futuro acadêmico. O encerramento se deu com um encontro na biblioteca, em que foram discutidos os resultados e oferecidas orientações sobre o ingresso no Ensino Superior. A iniciativa promoveu um espaço de diálogo e informação, aproximando a escola das metas individuais dos estudantes.

O projeto **Os desafios que os jovens enfrentam em seu processo educativo** reuniu alunos de diferentes etapas escolares para discutir questões relacionadas à formação pessoal, acadêmica e social. Foram realizadas atividades que permitiram aos participantes compartilhar suas experiências e dificuldades, contribuindo para a construção de um ambiente de escuta e apoio. A proposta valorizou a pluralidade cultural e socioeconômica da comunidade escolar e gerou reflexões sobre estratégias pedagógicas mais inclusivas.

No projeto **Segurança online: como se proteger?** os alunos organizaram um minicurso para turmas do 3º, 4º e 5º anos, adaptando a linguagem e os exemplos à faixa etária. Foram discutidos riscos e estratégias de proteção no ambiente digital, incentivando a participação ativa e a troca de experiências. Os professores relataram que os estudantes continuaram debatendo o tema posteriormente, o que evidencia o impacto positivo da intervenção.

Por fim, a fase de socialização e encerramento do componente curricular, constituiu-se em um momento de partilha das experiências vivenciadas. Nessa ocasião, os grupos apresentaram os resultados de seus projetos, fomentando discussões sobre aprendizados, limitações e possibilidades de continuidade das ações iniciadas. Esse momento também marcou a entrega formal dos relatórios e documentos finais, consolidando o encerramento do estágio e a avaliação do percurso formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de intervenção que foram desenvolvidos pelos estudantes, orientados pela professora da disciplina, foram importantes para a compreensão prática dos desafios que um gestor escolar enfrenta no cotidiano. Ao planejar, executar e avaliar ações voltadas à resolução de problemas da escola, os alunos puderam vivenciar situações que exigem tomada de decisão, articulação com diferentes setores da comunidade escolar, gestão de recursos, mediação de conflitos e acompanhamento de resultados.

Essa experiência permitiu observar que a gestão escolar vai muito além de questões administrativas, abrangendo também o cuidado com as relações

humanas, a promoção de um ambiente inclusivo e acolhedor, e a implementação de estratégias que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Assim, os projetos funcionaram como um laboratório de gestão, possibilitando que os futuros profissionais da educação compreendessem a complexidade e a responsabilidade inerentes ao papel do gestor na construção de uma escola democrática, participativa e comprometida com a transformação social.

O estágio foi um espaço de aprendizagens. A experiência confirmou a afirmação de Lima e Leite (2019) de que o estágio é uma das poucas oportunidades formais na pós-graduação para exercitar à docência universitária em sua complexidade. Os principais ganhos formativos incluíram:

- Desenvolvimento da autonomia docente, sem perder de vista a orientação da professora-supervisora.
- Aprimoramento da capacidade de diagnóstico institucional e de elaboração de projetos de intervenção.
- Ampliação da habilidade de mediação pedagógica e de liderança acadêmica.
- Entre os desafios, destaco a necessidade de constante atualização teórica para responder às demandas dos licenciandos e a gestão do tempo para equilibrar atividades de supervisão, aulas e orientações individuais e coletivas.

A realização do Estágio de Docência em Gestão Escolar ampliou a compreensão sobre o papel do gestor como articulador de processos pedagógicos, administrativos e políticos no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, consolidou aprendizagens para a docência universitária, como planejamento, condução de atividades, acompanhamento discente e avaliação formativa.

REFERÊNCIAS

LIMA, José Ossian Gadelha de; LEITE, Luciana Rodrigues. O estágio de docência como instrumento formativo do pós-graduando: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, n. 256, p. 753-767, 2019.

LÜCK, Heloísa. Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba: **Positivo**, 2009.

LIMA, Glaucilene Sebastiana Nogueira; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. Estágio supervisionado em gestão escolar: relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1–8, 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 7. ed. São Paulo: **Cortez**, 2012.

PRADO, E. **Estágio na licenciatura em pedagogia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Maceió/AL: Edufal, 2012.

CAPITULO 2

O PRESENTE QUE SE REFLETE AO FUTURO QUE SE CRIA: Autoconhecimento como ato pedagógico

Ádria Maria Catunda Dias⁷

Flávia Karine Almeida Barbosa⁸

INTRODUÇÃO

A gestão escolar, especialmente no que diz respeito à motivação dos estudantes e ao incentivo ao protagonismo juvenil, tem se destacado cada vez mais nas discussões educacionais atuais. Em um cenário marcado por transformações sociais, tecnológicas e emocionais, as escolas enfrentam o desafio de manter os alunos engajados, motivados e com clareza sobre seus projetos de vida. Nesse contexto, a atuação da gestão escolar ultrapassa os limites burocráticos e administrativos, assumindo uma função estratégica na mediação de ações pedagógicas que estimulem a autonomia, o autoconhecimento e o planejamento de futuro entre os estudantes, especialmente no ensino médio.

Este capítulo apresenta os resultados de uma experiência desenvolvida no Estágio Supervisionado em Gestão Escolar, componente curricular do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará. O estágio foi realizado em uma escola da rede Estadual, situada no município de Santarém–PA, e teve como foco o desenvolvimento de ações que dialogassem com os desafios enfrentados pela comunidade escolar, com destaque para a desmotivação de alunos do 1º ano do ensino médio diante de sua trajetória escolar e futura.

⁷ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – adriamaria209@gmail.com

⁸ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – flaviakarine676@gmail.com

O problema de pesquisa que norteia esta produção pode ser assim formulado: como contribuir, por meio de práticas pedagógicas reflexivas, para que os estudantes do 1º ano do ensino médio desenvolvam o autoconhecimento, fortaleçam a motivação e construam metas para o futuro? A hipótese que se delineia a partir dessa indagação é a de que a valorização da identidade estudantil e o estímulo ao planejamento de vida, por meio de dinâmicas e escuta ativa, podem promover maior engajamento e clareza de propósito entre os alunos.

Diante dessa problemática, o objetivo geral deste capítulo é promover o autoconhecimento, a motivação e o planejamento de metas pessoais e acadêmicas entre estudantes do 1º ano do ensino médio, por meio de uma proposta de intervenção baseada em práticas reflexivas e participativas. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos: identificar fatores que contribuem para a desmotivação e insegurança dos alunos quanto ao futuro; desenvolver atividades que promovam o autoconhecimento e a valorização da identidade estudantil; incentivar a elaboração de metas pessoais e acadêmicas por meio de ações que estimulem a reflexão e a escuta ativa; avaliar os impactos da intervenção sobre o engajamento e o bem-estar dos estudantes participantes.

A metodologia adotada tem natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva. Os procedimentos metodológicos envolveram observação participante, rodas de conversa, aplicação de dinâmicas reflexivas e acompanhamento direto de turmas do ensino médio. A coleta de dados ocorreu durante o estágio supervisionado, com foco especial em uma turma do 1º ano, ao longo de três encontros planejados e avaliados de forma contínua, considerando o envolvimento e a resposta dos estudantes.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender e enfrentar os desafios da desmotivação estudantil no ensino médio, buscando estratégias pedagógicas que tornem a escola um espaço mais significativo e acolhedor. Ao lançar luz sobre práticas que valorizam a escuta, o diálogo e a construção de sentido, espera-se contribuir para a formação de gestores escolares mais sensíveis, críticos e propositivos, comprometidos com uma educação transformadora e centrada no sujeito.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar é um componente curricular fundamental na formação do futuro gestor, proporcionando uma visão ampla da realidade do cotidiano escolar. Nesse sentido, Lima e Leite (2019, p. 755) destacam que a “finalidade do estágio docente é propiciar uma aproximação com a realidade na qual o sujeito atuará como profissional”. Corroborando com essa perspectiva, Prado (2012) afirma que o estágio supervisionado deve promover momentos de reflexões e proporcionar o contato com a prática, visando à construção de um processo educativo que contribua para a formação de futuros gestores escolares.

Em sua totalidade, o estágio supervisionado se baseou em três pilares essenciais: a observação, a participação e a intervenção, que, conforme Cunha (2009, p. 112), atuam como um espaço de mediação entre teoria e prática. Com base na observação atenta da dinâmica escolar e em diálogos com a equipe gestora, o estágio se estruturou em torno das aulas de Projeto de Vida, disciplina escolhida para combater o desengajamento e a falta de interesse acadêmico entre os estudantes. A partir do acompanhamento das turmas do ensino médio, foi possível não apenas compreender a realidade do ambiente escolar, mas também se envolver diretamente com os alunos, o que resultou em uma intervenção prática: o desenvolvimento de atividades com o propósito de motivar e incentivar os estudantes do primeiro ano a seguirem para os próximos anos e a construírem uma trajetória acadêmica.

A motivação é um elemento fundamental no processo de aprendizagem, pois influencia diretamente o interesse, o desenvolvimento e a permanência dos alunos nas atividades educacionais. Segundo Bzuneck (2009, apud Avelar, 2014), a motivação decorre de um processo de desequilíbrio no interior do organismo, no qual a ação do sujeito busca restabelecer o equilíbrio por meio da realização de um objetivo. A motivação para aprender está vinculada à satisfação de necessidades básicas, como a autoestima, pertencimento e autorrealização. Quando essas dimensões não são atendidas, o engajamento escolar tende a diminuir, pois o aluno deixa de perceber o sentido de sua permanência e participação na escola.

Nesse contexto, Vinha (2009) reforça que o modo como o estudante interpreta o próprio desempenho interfere diretamente em sua motivação, “pesquisas indicam que o bom desempenho acadêmico está associado a atribuição de capacidade e esforço, enquanto o fracasso escolar relaciona-se a atribuições de uma causa incontrolável, a qual é a falta de capacidade” (Vinha, 2009, p. 356). Isso significa que, quando o aluno tem baixa autoestima ou se sente incapaz, tende a desmotivar-se, acreditando que não adianta se esforçar, pois não se percebe como sujeito capaz de aprender.

Para Avelar (2014), a motivação escolar está profundamente relacionada ao modo como o estudante se sente diante do ambiente educativo, sendo influenciada pelo acolhimento, pelo reconhecimento e pelo sentimento de pertencimento àquele espaço. A autora destaca que, ao compreender a realidade dos alunos e ao oferecer um espaço de escuta e valorização de suas vivências, a escola se torna um lugar de construção de sentido e, consequentemente, de motivação para aprender.

A partir dessa compreensão, a intervenção foi planejada como resposta à necessidade identificada durante o estágio: alunos desmotivados e com dificuldades de traçar metas pessoais e acadêmicas. Por meio de dinâmicas reflexivas e rodas de conversa, buscou-se fomentar o autoconhecimento e o planejamento de vida, oferecendo aos estudantes um espaço de escuta, valorização das suas histórias e estímulo à construção de seus projetos pessoais. Assim, as atividades propostas no projeto tiveram como foco o fortalecimento da identidade dos estudantes e a ampliação de suas expectativas em relação ao futuro. Ao refletirem sobre quem são, como são vistos e o que desejam para si, os alunos foram convidados a se perceberem como protagonistas da própria trajetória, desenvolvendo um senso de responsabilidade e motivação para alcançar seus objetivos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida neste capítulo caracteriza-se como um estudo de caso com abordagem qualitativa, realizado durante o Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, no âmbito do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará. O estudo teve como

campo de investigação uma Escola Estadual de Ensino Médio, localizada no município de Santarém/PA. A escolha da escola como unidade de análise se deu em virtude da sua relevância para a formação prática das estagiárias e da possibilidade de aproximação direta com a realidade educacional.

O percurso metodológico seguiu três etapas: observação, participação e intervenção, totalizando uma carga horária de 68 horas. Na fase de observação participante assistemática, foi possível acompanhar a rotina da equipe gestora, bem como a dinâmica das salas de aula e das relações entre os diferentes membros da comunidade escolar. Essa etapa teve como objetivo compreender o contexto organizacional e pedagógico da escola, bem como identificar demandas e desafios que poderiam ser trabalhados na proposta de intervenção.

Durante o estágio, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, com o intuito de fundamentar teoricamente a proposta de intervenção. Foram consultados artigos científicos, livros, capítulos e materiais acadêmicos voltados à temática da motivação escolar, autoconhecimento, gestão pedagógica e desenvolvimento de projetos de vida no contexto educacional. Esse levantamento foi essencial para subsidiar as ações práticas com base em contribuições relevantes da literatura.

Além disso, fez-se uso da pesquisa documental, por meio da leitura e análise de documentos institucionais da escola, tais como Projeto Político-Pedagógico (PPP), regimento interno e planos de aula da disciplina Projeto de Vida. Tais documentos forneceram informações sobre as diretrizes pedagógicas da escola e sobre as ações desenvolvidas com os estudantes do ensino médio.

A fase de participação foi realizada majoritariamente em turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, com destaque para o acompanhamento das aulas de Projeto de Vida. Essa disciplina se mostrou um espaço estratégico para o desenvolvimento de práticas reflexivas junto aos alunos, devido ao seu caráter voltado à construção de identidade e planejamento de futuro.

Com base nas observações realizadas e nas necessidades identificadas, foi elaborada uma proposta de intervenção pedagógica, denominada “O eu de hoje e o eu de amanhã”. A intervenção consistiu em três encontros com

uma turma do 1º ano do ensino médio, nos quais foram aplicadas dinâmicas reflexivas que buscaram promover o autoconhecimento, a empatia, o reconhecimento de potencialidades e a definição de metas pessoais e acadêmicas. As atividades envolveram produções escritas, desenhos, rodas de conversa e a construção de uma cápsula do tempo com registros simbólicos dos estudantes.

A avaliação da intervenção ocorreu de forma contínua e qualitativa, com base na observação do engajamento, da participação e das falas dos estudantes durante as atividades. A escuta atenta e o diálogo foram fundamentais para compreender os impactos das ações na percepção dos alunos sobre si e sobre o futuro.

Portanto, os procedimentos metodológicos adotados neste estudo possibilitaram uma análise crítica da realidade escolar, favorecendo a articulação entre teoria e prática e contribuindo para o desenvolvimento de ações pedagógicas significativas no contexto da gestão escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência do Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar proporcionou uma conexão direta entre teoria e prática, confirmando a visão de Lima e Leite (2019) sobre a importância de vivenciar a realidade profissional para uma formação completa. A observação inicial revelou uma preocupação com a desmotivação, insegurança e dificuldade para estabelecer metas pessoais e acadêmicas, entre os alunos do 1º ano do Ensino Médio. Essa percepção, em consonância com os conceitos de Avelar (2014) e Vinha (2009) sobre a influência da motivação e da autoavaliação no desempenho acadêmico, serviu de base para a intervenção “O eu de hoje e o eu de amanhã”.

A motivação é apontada por diversos autores como fator determinante no processo de aprendizagem. Avelar (2014) destaca que a motivação escolar está profundamente ligada ao modo como o estudante se sente diante do ambiente educativo, sendo influenciada pela valorização de sua

identidade e pela percepção de pertencimento. Já Vinha (2009) argumenta que a forma como o aluno interpreta seu desempenho afeta diretamente sua disposição para aprender, relacionando o sucesso ao esforço e à capacidade percebida. Nesse sentido, alunos que se percebem como incapazes tendem a perder o interesse nas atividades escolares, comprometendo seu desempenho acadêmico.

O projeto de intervenção, fundamentado nesses pressupostos teóricos, propôs atividades práticas e reflexivas que visavam criar um espaço de escuta, acolhimento e valorização das potencialidades dos alunos. Por meio de três encontros, os estudantes foram convidados a refletir sobre quem são (autorretrato), como são vistos pelos colegas (atividade em duplas) e quais metas desejam alcançar (carta para o futuro). A metodologia adotada possibilitou que os alunos se vissem como sujeitos protagonistas, capazes de planejar suas vidas com maior clareza e propósito.

A análise dos resultados corrobora a importância de abordagens pedagógicas que considerem o estudante como um ser integral, reconhecendo sua identidade e suas emoções. Ao proporcionar um espaço de acolhimento e escuta ativa, o projeto reforçou a ideia de que a escola deve ser um lugar onde o aluno se sente valorizado e pertencente. Essa abordagem não apenas contribuiu para o fortalecimento da autoestima e da motivação, mas também se mostrou eficaz em transformar o ambiente escolar, tornando-o mais acolhedor e significativo para os alunos.

Observou-se a participação dos alunos nas atividades, engajamento nas discussões e interesse em compartilhar suas experiências pessoais. As rodas de conversa se mostraram momentos ricos de interação e troca, promovendo o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes e estimulando a empatia e o respeito mútuo. Além disso, os produtos gerados, como os autorretratos, os retratos feitos pelos colegas e as cartas para o futuro, evidenciam avanços na capacidade dos alunos de refletir sobre si e projetar objetivos futuros.

Esses resultados reforçam a importância de se desenvolver práticas pedagógicas que considerem os aspectos emocionais, sociais e identitários dos estudantes. Ao proporcionar um espaço de escuta e valorização, a escola se torna mais acolhedora e significativa, contribuindo para o

fortalecimento da autoestima, da motivação e do desejo de aprender. Em suma, o estágio não foi apenas um espaço para a aplicação de conhecimento teórico, mas uma oportunidade para gerar impacto positivo e transformar a realidade educacional, validando a teoria na prática e ressaltando o potencial da educação como ferramenta de autonomia e construção de sentido para a vida dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência vivenciada, o estágio supervisionado em Gestão Escolar demonstrou-se fundamental para a articulação entre teoria e prática, proporcionando uma imersão significativa na rotina pedagógica e administrativa da escola. Por meio da observação atenta, da escuta qualificada e da participação ativa nas atividades escolares, bem como da realização da intervenção com os alunos, foi possível contribuir com práticas criativas e reflexivas que estimularam os estudantes a pensar sobre seu presente e futuro de forma mais consciente.

Os resultados obtidos evidenciam que, ao oferecer um espaço de diálogo, acolhimento e valorização, a escola se fortalece como um ambiente significativo e humanizador. As atividades propostas, como os autorretratos e as cartas para o futuro, promoveram maior engajamento dos alunos e possibilitaram momentos de autorreflexão, reforçando o papel do educador como mediador no processo de construção de sentido e de projeto de vida dos jovens.

A experiência do estágio também destacou a importância de uma gestão escolar sensível às dimensões emocionais e sociais dos estudantes, apontando para a necessidade de práticas que considerem a integralidade do sujeito. Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação de projetos semelhantes, a fim de analisar seus impactos em médio e longo prazo, especialmente em relação ao desempenho acadêmico e à permanência escolar. Além disso, é essencial que as instituições de ensino superior fortaleçam a dimensão prática da formação em gestão escolar, incentivando

os futuros pedagogos-gestores a desenvolverem propostas que integrem os conhecimentos acadêmicos às realidades vivenciadas nas escolas.

Assim, o estágio supervisionado se consolida não apenas como um requisito curricular, mas como um espaço formativo transformador, capaz de preparar profissionais críticos, reflexivos e conscientes de seu papel social na construção de uma educação mais justa, acolhedora e significativa.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, A. C. **A motivação do aluno no contexto escolar**. Anuário Acadêmico-científico da UniAraguaia, p. 71-90, 2014.
- CUNHA, M. I. da. **O Estágio na Formação de Professores**: Unidade Teoria e Prática. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- LIMA, J. O. G.; LEITE, L. R. O estágio de docência como instrumento formativo do pós-graduando: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 100, n. 256, p. 753-767, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/4103> Acesso em: 05 jul. 2025.
- PRADO, E. **Estágio na licenciatura em pedagogia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Maceió/AL: Edufal, 2012.
- VINHA, T. P. **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. ETD Educação Temática Digital, v. 10, n. NUMERO ESPECIAL, p. 347-359, 2009.

CAPITULO 3

VIVÊNCIAS: O Estágio em gestão como espaço de escuta e transformação

Elizana Oliveira da Silva⁹
 Íris Kailany Nascimento Lemos¹⁰
 Jasmine Marcilene Alves¹¹

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado representa uma etapa importante na formação de professores, pois proporciona a articulação entre teoria e prática, permitindo que os futuros docentes vivenciem os desafios cotidianos da educação básica. Essa experiência é organizada em diferentes fases, sendo a etapa de Gestão Escolar uma oportunidade para compreender os processos administrativos, pedagógicos e relacionais que estruturam o funcionamento da escola.

O presente capítulo relata as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, realizado em uma escola da rede pública estadual situada em um município do interior do Pará. A instituição atende cerca de 1.300 alunos, majoritariamente oriundos de famílias de baixa renda, e conta com uma equipe gestora composta por profissionais com formação especializada. A escola dispõe de uma estrutura física funcional, ainda que limitada em alguns aspectos, como a ausência de auditório e coordenação específica para estágios.

Ao longo do período de observação e participação, foi possível identificar um fenômeno comum entre os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio: a dificuldade de adaptação ao novo ambiente escolar. Em

⁹ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: elizanasilvaped@gmail.com

¹⁰ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: irkailany26@gmail.com

¹¹ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: jasminealves17@gmail.com

comparação com turmas mais avançadas, os alunos ingressantes demonstravam sentimento de insegurança, desorientação e distanciamento. Essa constatação motivou a elaboração do projeto de intervenção "Comecei o Ensino Médio, e agora?", com o intuito de acolher esses estudantes, apresentar as oportunidades oferecidas pela escola e estimular o protagonismo juvenil.

Durante o planejamento da intervenção, identificamos a necessidade de também abordar com os estudantes as possibilidades acadêmicas futuras. Para isso, incluímos momentos em que compartilhamos nossas vivências no Ensino Médio e falamos sobre nossas experiências como universitárias de uma universidade pública da região Norte. A intenção foi mostrar aos alunos que percurso acadêmico é possível, mesmo diante das dificuldades, e que a universidade pública é um espaço acessível e transformador.

O objetivo geral deste trabalho foi compreender os desafios enfrentados pelos estudantes de duas turmas de primeiro ano e uma turma de segundo ano do Ensino Médio no processo de adaptação escolar, propondo uma intervenção educativa voltada à escuta, orientação e fortalecimento do vínculo com a escola. Teve por objetivos específicos: Observar a dinâmica de funcionamento da gestão escolar e seu impacto no cotidiano dos estudantes; diagnosticar dificuldades emocionais e acadêmicas enfrentadas pelos alunos ingressantes no Ensino Médio e Planejar e aplicar uma intervenção pedagógica que promova o autoconhecimento, a reflexão sobre o projeto de vida escolar e pessoal, e o acesso à universidade como possibilidade real. Teve como problema de pesquisa: Como o estágio supervisionado pode contribuir para o acolhimento e a permanência dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio no contexto escolar?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola, enquanto espaço de formação humana, precisa estar atenta às necessidades e singularidades dos estudantes. No contexto do Ensino Médio, especialmente no primeiro ano, é comum que os alunos enfrentem

inseguranças e dificuldades emocionais relacionadas à transição educacional. Libâneo (2001) destaca que a função da escola não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a formação de sujeitos críticos, capazes de se situar no mundo e projetar seu futuro.

Freire (1996) reforça a importância do diálogo e da escuta ativa como fundamentos de uma prática educativa humanizadora. A escuta do aluno, sobretudo daquele que está ingressando em uma nova etapa escolar, revela-se essencial para construir vínculos de confiança e promover o sentimento de pertencimento. Arroyo (2013) também chama atenção para a centralidade da experiência dos sujeitos, defendendo uma escola que acolha e reconheça os saberes e trajetórias de vida dos estudantes.

Paro (2001) complementa essa discussão ao destacar o papel da gestão democrática, que deve criar condições institucionais para que todos os sujeitos escolares – incluindo estudantes e estagiários – possam participar da vida escolar de forma ativa e significativa. Nesse sentido, o estágio supervisionado assume um papel estratégico na formação de professores comprometidos com a transformação social.

Luck (2006) ressalta que o gestor escolar precisa articular ações pedagógicas e administrativas com foco na aprendizagem, sendo também responsável por acolher projetos que venham contribuir com a escola. O sucesso de uma intervenção educativa, portanto, depende da abertura da gestão ao diálogo e à inovação.

Dessa forma, a intervenção realizada buscou se apoiar em um referencial que valoriza o diálogo, a escuta, o acolhimento e o protagonismo estudantil, compreendendo o processo educativo como uma construção coletiva e humanizadora. O estímulo ao acesso à universidade e à construção de projetos de vida acadêmicos também se alinha ao papel da escola pública como espaço de transformação social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio de observação participante e levantamento documental. Durante o período de observação (25 de março

a 08 de abril de 2025), realizamos visita à escola de referência para conhecer os espaços, interagir com a equipe escolar e coletar informações a partir do PPP e outros documentos institucionais. Foram aplicados registros de campo e entrevistas informais com professores e funcionários.

No período de participação (12 a 22 de maio), houve aproximação com a equipe gestora e análise do funcionamento prático da gestão escolar. Entre 26 e 27 de maio, foi aplicado o projeto de intervenção “Comecei o Ensino Médio, e agora?”, composta por dinâmicas em grupo, escuta ativa, construção de metas, rodas de conversa e atividades reflexivas.

O tema foi escolhido a partir da percepção de que os alunos do 1º ano do Ensino Médio demonstravam mais dificuldades em se entrosar no ambiente escolar. Enquanto os alunos das outras turmas já pareciam ambientados e integrados, os do 1º ano mostravam-se desorientados, inseguros e pouco participativos. O propósito da intervenção foi acolher esses estudantes, mostrar a eles que esse novo ciclo traz também oportunidades e vivências transformadoras, e que a escola pode ser um espaço de crescimento.

Durante a intervenção, compartilhamos com os alunos algumas de nossas vivências no Ensino Médio e, principalmente, apresentamos nossas experiências como universitárias. Explicamos o funcionamento da UFOPA, os desafios da trajetória acadêmica e as possibilidades de acesso à educação superior. Esse momento despertou curiosidade e motivação nos jovens, fazendo com que muitos deles verbalizassem pela primeira vez o desejo de estudar em uma universidade pública. O diálogo fortaleceu o vínculo com os estudantes e tornou a intervenção mais significativa e inspiradora.

As atividades desenvolvidas com os alunos foram pensadas para estimular a reflexão sobre suas identidades, desejos e expectativas de futuro. Entre elas, destacam-se: 1. Mapa dos Sonhos: os alunos foram convidados a escrever no quadro o que desejam ser no futuro, promovendo um momento de autoconhecimento e partilha de sonhos; 2. Carta para o Eu do Terceiro Ano: cada aluno escreveu uma carta endereçada a si, para ser entregue quando estiverem concluindo o Ensino Médio, contendo seus sonhos, metas e aquilo que esperam ter realizado até lá; 3. Questionário Reflexivo: aplicado com perguntas como: "O que mais me preocupa neste novo ciclo?", "O que

quero melhorar em mim?", "Qual o meu maior sonho?", "Quais são minhas qualidades?". Essa ferramenta permitiu compreender melhor os sentimentos e anseios dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção foi realizada em três turmas do Ensino Médio, sendo duas do primeiro ano e uma do segundo ano. Cada sessão teve duração de aproximadamente 45 minutos, e foi desenvolvida com o apoio dos professores regentes, que demonstraram abertura e disposição para colaborar.

Nas turmas do primeiro ano, os alunos demonstraram grande interesse pelas atividades. Participaram ativamente das rodas de conversa, expressaram suas dúvidas e compartilharam suas expectativas em relação ao novo ciclo escolar. Revelaram sentimento de insegurança, mas também mostraram curiosidade e disposição para enfrentar essa nova etapa. Muitos falaram sobre seus sonhos, planos de vida e as dificuldades que encontraram ao chegar ao Ensino Médio. O momento em que compartilhamos nossas próprias vivências acadêmicas foi essencial para estabelecer um vínculo de confiança, além de proporcionar novas perspectivas sobre o futuro. As atividades desenvolvidas promoveram momentos de expressão pessoal e despertaram entusiasmo entre os participantes.

Já na turma do segundo ano, observou-se uma postura mais resistente. Alguns alunos apresentaram certa apatia, com menor envolvimento nas atividades propostas. Apesar dos esforços do grupo em promover o diálogo, a participação foi limitada, o que demonstrou a importância de estratégias diferenciadas para públicos distintos. Ainda assim, a intervenção contribuiu para despertar reflexões e incentivar a autoexpressão.

Esse resultados evidenciam que o acolhimento, a escuta e o compartilhamento de experiências reais são práticas fundamentais para a construção de um ambiente escolar humanizado e inclusivo. A experiência do estágio permitiu que vivenciássemos na prática o que os referenciais teóricos apontam: a importância da escuta ativa, do diálogo e da valorização do

protagonismo estudantil como elementos que fortalecem a permanência e o desenvolvimento dos estudantes na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado em gestão escolar proporcionou uma experiência formativa de grande relevância para a compreensão dos múltiplos aspectos que envolvem a dinâmica de uma instituição de ensino. Ao vivenciar as etapas de observação, participação e intervenção, foi possível desenvolver um olhar mais sensível e crítico sobre o papel do pedagogo na mediação das relações escolares.

A realização da intervenção "Comecei o Ensino Médio, e agora?" mostrou-se especialmente significativa por abordar um momento de transição vivenciado por adolescentes que, muitas vezes, enfrentam essa etapa com inseguranças e dúvidas. O acolhimento, o diálogo e o compartilhamento de experiências entre nós e os alunos possibilitaram a construção de um ambiente de escuta e confiança, essencial para o fortalecimento de vínculos e o incentivo ao protagonismo estudantil.

Ao incluir no diálogo a temática do acesso à universidade, o projeto ampliou seu alcance e permitiu que os estudantes visualizassem possibilidades concretas de futuro. Essa aproximação com o mundo acadêmico representou, para muitos, a primeira vez em que consideraram a universidade como parte de seus projetos de vida.

As atividades propostas durante a intervenção também se mostraram eficazes na promoção da autoestima, do autoconhecimento e da construção de metas pessoais. A escrita da "Carta para o Eu do Terceiro Ano" e a elaboração do "Mapa dos Sonhos" provocaram reflexões profundas sobre identidade e futuro. O questionário aplicado permitiu ao grupo acessar sentimentos e angústias que muitas vezes permanecem silenciados na rotina escolar.

Ainda que tenham sido encontradas limitações, como a ausência de participação ativa da gestão escolar, o projeto alcançou seus objetivos principais, mostrando a importância de se pensar a escola como espaço de

formação integral. A experiência reforçou a necessidade de maior articulação entre universidade e escola, bem como da valorização do estágio como campo de prática e pesquisa.

Como sugestão para futuras intervenções, propõe-se o desenvolvimento de ações contínuas de acolhimento para alunos ingressantes, além da realização de formações com a equipe gestora sobre a importância do estágio na formação docente. Por fim, destaca-se que o percurso realizado contribuiu significativamente para a constituição de uma identidade profissional pautada no compromisso ético, no diálogo e na transformação social por meio da educação.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. **Ofícios de Mestre**: Imagens e Autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2001.
- LUCK, H. **Gestão Educacional**: uma questão paradigmática. Campinas: Papirus, 2006.
- PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.

CAPITULO 4

PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS EDUCATIVOS ACERCA DOS BANHEIROS ESCOLARES: desafios e perspectivas

Luciana Ferreira Marcião¹²
 Rayla da Silva Gonçalves¹³
 Samara Nogueira de Sousa¹⁴

INTRODUÇÃO

No contexto educacional, a garantia de um ambiente limpo, seguro e adequado ao desenvolvimento dos estudantes está prevista na legislação educacional brasileira. A Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, não trata diretamente da palavra “higiene”, mas determina como direito dos estudantes a existência de condições estruturais mínimas que assegurem um ambiente propício ao ensino e à aprendizagem, o que inclui aspectos de saúde, segurança e higiene. Como está previsto no texto legal:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (Brasil, 1996, Art. 4o, inciso IX).

Ao se referir a “insumos indispensáveis”, a lei abrange elementos fundamentais como o acesso a infraestrutura básica adequada, incluindo banheiros limpos e funcionais, acesso à água potável, condições de asseio, ventilação e limpeza dos ambientes escolares, todos fatores diretamente relacionados à preservação da saúde dos estudantes e à qualidade da educação. Assim, entende-se que a garantia à higiene no espaço escolar

¹² - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: lu.ferreira64@gmail.com

¹³ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: raylagoncalvespedago22@gmail.com

¹⁴ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: samaranogueira.stm@gmail.com

está implícita na definição legal de qualidade do ensino, uma vez que o ambiente físico interfere diretamente no processo de aprendizagem e no bem-estar da comunidade escolar.

Além disso, a conservação da escola contribui para a formação integral do estudante, pois estimula valores como responsabilidade, respeito e cidadania, essenciais para a convivência social e para a construção de uma cultura de cuidado e sustentabilidade. A BNCC orienta que o trabalho educativo também inclua o envolvimento dos estudantes e da comunidade escolar na preservação do ambiente, promovendo ações educativas que reforcem a importância da conservação como parte do processo de aprendizagem e da construção de um espaço democrático e acolhedor (Brasil, 2018).

Nesse contexto, a pesquisa intitulada "Percepções dos sujeitos educativos acerca dos banheiros escolares: desafios e perspectivas" é resultado das atividades desenvolvidas durante o estágio em Gestão Escolar do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará. O estudo busca responder à seguinte questão: Como as condições dos banheiros escolares impactam a rotina, o bem-estar e a convivência dos diferentes atores da comunidade escolar em uma escola pública de Santarém (PA)?

Com base nesse problema, o objetivo geral da pesquisa é investigar as percepções de diferentes atores sociais sobre o uso e a preservação dos banheiros escolares em uma escola municipal localizada em Santarém, Pará. Os objetivos específicos consistem em: descrever as percepções dos sujeitos investigados; identificar os principais desafios enfrentados em relação ao uso, manutenção e preservação desses espaços e contribuir para a formação crítico-reflexiva dos estudantes.

Para alcançar tais objetivos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando como instrumentos de coleta de dados a observação participativa, roda de conversa e entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados é realizada com base na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Embora o saneamento básico não esteja explicitamente previsto na Constituição Federal de 1988, ele é essencial para garantir outros direitos fundamentais, especialmente o direito à educação. A infraestrutura sanitária adequada nas escolas promove a dignidade humana, mas sua ausência prejudica a saúde dos estudantes e compromete a frequência escolar (Galvão, 2024). Portanto, essa não é apenas uma questão técnica, pois o saneamento impacta diretamente a qualidade de vida e o desenvolvimento integral das crianças em idade escolar, tornando-se, assim, um tema imprescindível para debates e políticas públicas.

Nesse sentido, a escola configura-se como um espaço fundamental no cotidiano dos estudantes, onde vivenciam experiências educativas e sociais. Por ser um ambiente de uso coletivo, apresenta inúmeros desafios relacionados à gestão, à convivência e à preservação de suas instalações. Segundo Rosa e Bohn (2015), o espaço adquire significado a partir das práticas sociais que nele ocorrem, sendo sua percepção moldada pelas experiências individuais e marcada por uma relação dinâmica com o tempo. Nessa perspectiva, o uso dos banheiros escolares transcende a função utilitária, refletindo valores, hábitos e normas que permeiam o cotidiano escolar.

Apesar dos avanços em campanhas educativas, ainda são observados hábitos inadequados que comprometem a qualidade ambiental e sanitária. De acordo com o material didático do Ministério da Educação (Faria; Monlevade, 2013), ainda persistem hábitos inadequados de higiene no Brasil, como urinar em vias públicas e o descarte incorreto do papel higiênico em vasos sanitários ou lixeiras, evidenciando contradições culturais no que se refere à higiene coletiva. Portanto, essas contradições culturais refletidas também nas escolas devem ser enfrentadas para garantir ambientes mais saudáveis e respeitosos para todos.

Em sua pesquisa, Lopes (2017) identificou que a escola investigada apresentava condições precárias de infraestrutura, especialmente em relação aos banheiros, descritos pelos participantes como péssimos, sujos,

fedidos, nojentos, depredados e mal higienizados, revelando a urgência de ações governamentais que assegurem espaços escolares adequados e compatíveis com as necessidades educacionais. Para a autora tais condições revelam a precarização da infraestrutura escolar e são apontadas como fatores que contribuem para o desinteresse e até a evasão dos estudantes.

De acordo com Piantino et al. (2018) no ensino fundamental se intensifica o desenvolvimento da personalidade e a internalização de novos hábitos de vida, por isso é importante trabalhar temas como a higiene nesse período o que contribui diretamente para a formação de atitudes mais saudáveis, refletindo positivamente no bem-estar e na saúde desses escolares. Para os autores, é essencial desenvolver ações preventivas, priorizando a sensibilização dos estudantes por meio de informações claras e educativas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza participante e caráter exploratório, sendo desenvolvida a partir de um projeto de intervenção realizado numa Escola Municipal de Santarém - PA, durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

O estágio em campo foi realizado no período de 24 de abril a 11 de junho de 2025, sendo executado em três etapas: Observação participativa, levantamento de dados e intervenção pedagógica. Na primeira etapa foram realizadas as observações e a participação ativa, como acompanhamento da rotina da gestora, verificação do Projeto Político Pedagógico (PPP), organização de documentos, produção de materiais e participação em reuniões. Assim, foi possível observar a dinâmica escolar e as questões da infraestrutura física da instituição, o que constituiu base para a escolha do tema a ser desenvolvido através da intervenção.

Durante a etapa de observação participativa, foi identificado através de diálogos informais, bem como em reuniões pedagógicas com a equipe gestora, pais e responsáveis que os banheiros da escola frequentemente apresentavam motivos de queixas. Dada a pertinência do tema, a etapa

seguinte se constituiu de levantamentos de dados através de entrevistas semi estruturadas com a gestora escolar, uma servente, três professores e três estudantes para obtenção das percepções de diferentes atores sociais da escola sobre o tema, a fim de obter subsídios para o desenvolvimento da etapa posterior.

Na terceira etapa, realizou-se uma intervenção pedagógica através de roda de conversa direcionada a uma turma do 8º ano, constituída por 32 estudantes, com o objetivo de dialogar e refletir sobre o uso responsável dos espaços comuns, saúde, higiene e cidadania. A atividade buscou promover o protagonismo estudantil e a corresponsabilidade pelo ambiente escolar. Na ocasião, os estudantes puderam escrever em post-it sobre suas perspectivas para melhorias do uso e preservação dos banheiros escolares.

Por fim, para o tratamento e interpretação dos dados qualitativos, realizou-se a análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016), a qual envolve a produção de inferências a partir da sistematização objetiva dos dados, configurando-se como uma atividade interpretativa que visa revelar os significados presentes nas mensagens analisadas, tanto em seus aspectos explícitos quanto implícitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Banheiros escolares: Perspectiva de Diferentes Sujeitos do Processo Educativo: Os resultados estão divididos de acordo com a ordem de entrevistados para permitir a melhor discussão dos dados, sendo entrevista com a gestora, servente, alunos e professores, respectivamente. As entrevistas realizadas evidenciam a percepção dos sujeitos sobre um problema recorrente no ambiente escolar: o mau uso e a precariedade dos banheiros.

Na percepção da gestora escolar o principal desafio para a manutenção da limpeza está relacionado à limitação de pessoal. Embora haja três funcionárias, apenas duas são responsáveis pela limpeza geral, enquanto a terceira atua na preparação da merenda. Além da escassez de recursos humanos, destaca-se a necessidade de maior compromisso por parte

da equipe com a organização dos ambientes, o que pode impactar diretamente na conservação dos espaços escolares.

Em relação às prioridades para a melhoria dos banheiros da escola, destaca-se a limitação de recursos humanos, onde o número de profissionais é insuficiente diante da demanda de alunos, sendo essa situação normalizada por portaria. Quanto aos aspectos estruturais do banheiro, como troca de vasos sanitários, ela esclarece que, embora tais solicitações possam ser encaminhadas, não há garantia de atendimento imediato, visto que os materiais passam por um processo de requisição e que não possuem prazos estabelecidos. Essas informações reforçam o que Galvão (2024) diz sobre a interferência da falta de infraestrutura sanitária na vida escolar dos estudantes.

As sugestões e observações sobre os banheiros são tratadas por meio do diálogo com os alunos e seus responsáveis. A escola reconhece que, embora a equipe de limpeza seja reduzida, seus integrantes possuem experiência doméstica, o que contribui para a compreensão das boas práticas de higiene. Para suprir a carência de materiais de limpeza, a escola adota estratégias alternativas, como campanhas de arrecadação durante o aniversário da instituição, nas quais cada turma contribui com itens específicos (ex.: água sanitária, sabão em pó, pano de chão).

Quanto aos alunos, ela acredita que eles têm consciência de que atitudes como sujar ou danificar os banheiros afetam a coletividade, e os professores e demais membros da escola procuram reforçar constantemente essa orientação. No entanto, reconhece-se que, em um ambiente com grande número de estudantes, nem todos seguem as orientações. Além disso, quando ocorrem danos ou sujeiras, muitas vezes não é possível identificar os responsáveis, o que dificulta a responsabilização e o desenvolvimento de uma postura mais consciente por parte dos alunos.

Uma estratégia pedagógica sugerida é levar os alunos ao banheiro após o recreio, para que observem as consequências do mau uso, como o odor e a sujeira fora do lixo. Essa vivência pode gerar conscientização. No

entanto, destaca-se a limitação de pessoal como um obstáculo para a implementação dessas ações de forma eficaz.

A entrevista com a funcionária de serviços gerais da escola reforça as dificuldades enfrentadas pelos funcionários responsáveis pela limpeza. Ela relata que, apesar da higienização diária, quando "acaba de limpar, eles vão, entram e sujam", evidenciando a falta de colaboração dos alunos. Além disso, cita comportamentos que dificultam a manutenção do banheiro, como jogar absorventes, papéis e até roupas íntimas nos vasos, resultando em entupimentos frequentes.

A funcionária também destaca a importância do respeito ao trabalho dos profissionais da limpeza, sugerindo que os alunos deveriam ser conscientizados sobre a importância de manter o ambiente limpo. Isso sugere que as estratégias utilizadas não foram suficientemente eficazes para sensibilizar os alunos. Campanhas pontuais parecem não ser suficientes; é necessário um trabalho contínuo de educação para o cuidado com o patrimônio escolar, associado a medidas que envolvam toda a comunidade escolar, como observado por Faria e Monlevade (2013).

Essas constatações dialogam diretamente com o que apontam Rosa e Bohn (2015), quando afirmam que "o banheiro escolar vira um espaço de práticas sociais que merece atenção", pois nele os alunos expressam sentimentos, insatisfações e até transgressões que, nos demais ambientes escolares, são silenciadas. O banheiro torna-se um espaço de significação, onde as regras e normas escolares são frequentemente contestadas, reforçando sua importância como lugar de análise das relações sociais e identitárias.

Além disso, a má qualidade dos banheiros escolares não é apenas um problema de ordem social, mas também pedagógica. O estudo divulgado pelo site Saneamento Já (2021) aponta que "instalações sanitárias bem mantidas e limpas demonstram respeito pelas crianças e seu bem-estar", destacando que o desconforto de evitar o uso do banheiro pode prejudicar a concentração durante as aulas, comprometendo o aprendizado. Portanto, esse problema envolve falta de consciência coletiva, atitudes de desrespeito,

ausência de fiscalização efetiva e campanhas educativas pouco impactantes.

Em relação ao uso do banheiro pelos estudantes, muitos afirmam que o utilizam apenas em casos de necessidade urgente, pois consideram o ambiente sujo e desagradável. Uma estudante chegou a relatar que só vai ao banheiro quando está "muito apertada, porque é muito nojento" (Estudante C, 2025). Esse tipo de depoimento revela que as más condições de higiene desestimulam o uso do banheiro, tal como encontrado por Lopes (2017), quando relata estudantes que nunca usaram o banheiro escolar, sugerindo que eles são ruins.

Sobre a conservação dos banheiros, todos os entrevistados foram unâimes em afirmar que é ruim. Os estudantes mencionaram a ausência de espelhos, pias riscadas e vasos frequentemente entupidos, atribuindo parte da responsabilidade ao desrespeito de alguns colegas com o trabalho da equipe de limpeza. Um estudante ressalta: "as mulheres trabalham direto lá, elas se esforçam, mas o pessoal são tudo "porco"" (Estudante A, 2025). Assim, fica evidente que há consciência, por parte de alguns alunos, de que o problema não se limita apenas à falta de estrutura, mas também ao comportamento inadequado dos usuários.

Quanto à postura dos colegas, alguns alunos admitiram já ter presenciado atos de vandalismo, como sujar propositalmente ou até mesmo utilizar o banheiro de maneira inadequada, e quando perguntados como se sentiram em relação a esses comportamentos, não demonstraram empatia, como na estudante que disse: "só que eu não senti nada, porque não é eu, né?!" (Estudante C, 2025). As justificativas para esse tipo de atitude variam desde "demência" até a simples "falta do que fazer", como apontado pela estudante "Pessoal que não tem o que fazer da vida pra ficar riscando, é só isso" (Estudante C, 2025).

Nesse contexto, os estudantes mencionaram que já ocorreram campanhas e palestras sobre o tema, mas que não surtiram efeito a longo prazo. Essa naturalização de comportamentos desrespeitosos demonstra a necessidade urgente de ações educativas que promovam o senso de coletividade e o cuidado com o espaço público. Corroborando com Rosa e

Bohn (2015) isso retrata que os problemas dos banheiros escolares ultrapassam as questões de infraestrutura.

Por sua vez, a entrevista com os professores aponta posturas distintas quando questionados sobre o diálogo com os alunos a respeito da conservação dos banheiros escolares. A professora A, fala que no início do ano a escola apresenta algumas normas, entre as quais “preservar o espaço público, não só o banheiro, mas o espaço na totalidade”. A professora B, relata que “Sempre que o professor pode e necessita, ele aborda essa temática na sala de aula [...]”. Por sua vez, o professor C diz não ter o “hábito de conversar sobre essa questão de higienização, no caso, saúde pública [...]” (Entrevista, 2025). De modo geral, os relatos indicam que, quando presente, a abordagem ocorre de forma pontual e não planejada.

Somado a isso os professores concordam que a gestão escolar sempre realiza ações de conscientização e acreditam que atividades educativas como: Palestra, vídeos, informações, campanhas, advertências, atribuição de tarefas, panfleto, livros educativos, diálogos constantes são estratégias pedagógicas que podem envolver os alunos de forma mais eficaz na preservação dos banheiros escolares e da escola como um todo. E ressaltam que isso deve ser feito continuamente, pois “[...]as vezes não faz muito efeito porque não é feito constantemente, é feito uma vez ou outra”. (Professor C).

Segundo Marcolino e Silva (2022), as práticas pedagógicas analisadas em sua pesquisa carecem de fundamentação em pressupostos teóricos críticos, o que limita sua capacidade de promover transformações sociais efetivas. Desse modo, a partir das informações obtidas pela gestora, servente, pelos alunos e professores, as práticas pedagógicas devem ser planejadas de maneira intencional, constante e fundamentadas teoricamente, para contribuir de fato para a formação cidadã dos estudantes e incentivar mudanças de hábitos.

Entre as principais queixas relacionadas ao uso dos banheiros escolares, os professores relatam que os estudantes mencionam frequentemente a falta de higiene dos espaços, apontando que “é muito sujo, não é limpo direito”. Além disso, há registros de insatisfação quanto ao uso inadequado dos materiais de limpeza, como observado na afirmação: “uma das reclamações

seria essa, a questão do mau uso dos utensílios de limpeza". Também se evidencia uma crítica ao comportamento dos próprios alunos, como expressa um docente: "geralmente eles reclamam entre eles também, porque muitas vezes não mantêm limpo. Eles acabam sujando, não dão descarga...". As falas revelam tanto problemas físicos quanto falhas no uso consciente dos espaços compartilhados.

Na percepção dos professores os alunos têm consciência que atitudes como sujar ou danificar o banheiro prejudica a todos, e associam isso a bagagem cultural que os alunos já trazem de casa. Nesse sentido, consideram que o papel do professor para o desenvolvimento de uma cultura de respeito é importante, pois:

Ele desempenha um papel pro aluno, como se fosse uma segunda família. Então, ele é chamado atenção em casa, com certeza, pelo pai, pela mãe, e na escola acontece que o professor também vai exercer esse papel de educar, de ensinar; não ensinar, no meu caso, matemática, geografia, história e ciência, mas também de educar com um todo, né... pra eles viverem em sociedade (Professora A, 2025).

O papel do professor é extremamente importante, porque ele tem que fazer esse resgate do aluno de que ele tem que preservar, que tudo que tem na escola é através dos impostos e investimentos da escola (Professora B).

Conforme destacado os professores compreendem a importância do seu trabalho no processo formativo do estudante. Contudo, o professor não pode ser apenas um transmissor de informações, mas sim alguém que domina profundamente o conteúdo e sabe como ajudar o aluno a avançar, agindo como o mediador do processo de aprendizagem e criando as condições e provocações necessárias para que o aluno construaativamente o saber, e não apenas receba respostas prontas. (Ruckstadter; Oliveira; 2020).

Nesse sentido, embora concordem que exista um diálogo suficiente entre escola e família sobre esse assunto, os professores enfatizam uma tendência de transferência da responsabilidade pela educação das crianças, por parte das famílias, para a escola, como explicitado por uma professora "a família agora, parece que passou essa responsabilidade pro Estado. O filho tem que ser educado na escola. Não!" (Professora A, 2025). Portanto, eles observam que há uma percepção equivocada de que a

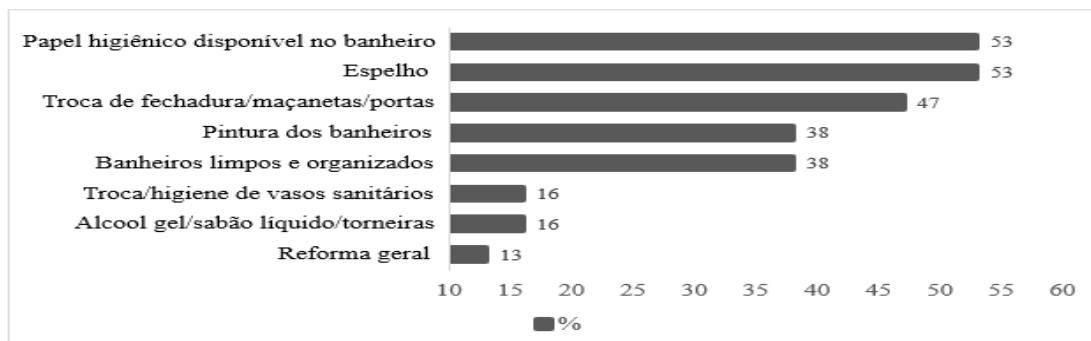
formação integral do aluno deve ocorrer exclusivamente no ambiente escolar, desconsiderando o papel fundamental da família nesse processo.

Diante disso, Borges (2021) infere que cabe à escola, por meio da mediação docente, garantir o acesso ao conhecimento sistematizado e ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. Por sua vez, a família, ao acompanhar o desenvolvimento dos filhos e a atuação dos professores, reforça e amplia os efeitos do trabalho pedagógico. Essa corresponsabilidade é um fator determinante para a construção de uma educação mais efetiva, humana e socialmente transformadora.

- Contextualização sobre Saúde e Preservação dos Banheiros Escolares

Durante a roda de conversa realizada com os estudantes em 11 de junho de 2025, abordaram-se temas relacionados à higiene, saúde e preservação do patrimônio escolar, com ênfase nos banheiros. Na ocasião, foram compartilhadas informações previamente coletadas nas entrevistas e registros fotográficos dos banheiros da instituição. Em seguida, os estudantes foram convidados a expressar, por escrito, suas expectativas e desejos sobre como gostariam que fossem os banheiros da escola. As respostas obtidas estão apresentadas no gráfico abaixo:

Gráfico 1- Preferências dos estudantes sobre banheiros escolares, 2025



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

O gráfico apresenta as preferências dos estudantes da turma do 8º ano de uma escola municipal em relação às melhorias desejadas nos banheiros escolares. Os aspectos mais citados foram a disponibilização de papel higiênico e espelhos (53%), seguidos pela substituição de fechaduras e

maçanetas (47%). Também foram destacadas a limpeza e organização, bem como a pintura das paredes, ambas apontadas por 38% dos estudantes. As intervenções estruturais, como a troca ou higienização dos vasos sanitários, a disponibilização de álcool em gel, sabão e torneiras, receberam 16% das indicações, enquanto a reforma geral dos banheiros foi mencionada com menor frequência, por 13% dos participantes.

Sobre o primeiro resultado, o relato de uma aluna destaca que a presença de espelhos nos banheiros escolares é importante, especialmente para as meninas durante o período menstrual. Muitas vezes, não há papel higiênico disponível e, sem o espelho, torna-se difícil verificar se houve manchas na roupa, o que compromete o conforto e a segurança das alunas, fato também influenciado pela ausência de lixeiras suficientes para descarte do lixo. Esses problemas revelam uma escola que não oferece condições de qualidade que atenda as necessidades e peculiaridades dos estudantes (Lopes, 2017).

Esses dados reforçam as informações obtidas durante as entrevistas realizadas previamente, e evidenciam que a infraestrutura dos banheiros da escola apresenta inadequações significativas para o ambiente escolar, o que corrobora as constatações do relatório da Operação Educação, divulgado pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil, cujo relatório apontou inadequações semelhantes em 71,53% dos banheiros escolares inspecionados (Atricon 2023).

Embora os problemas relacionados à infraestrutura física das escolas sejam evidentes, os dados indicam que a gestão dos recursos materiais — especialmente no que se refere a insumos de higiene, como sabão, álcool em gel e papel higiênico — também constitui um desafio relevante a ser enfrentado no contexto escolar. Além disso, a insuficiência de recursos humanos como quantidade de funcionários destinados à limpeza dos banheiros prejudica esse cenário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenham sido desenvolvidas práticas pedagógicas como palestras sobre higiene e preservação do ambiente público escolar, estas não

interferiram significativamente nas mudanças de hábitos e amenização dos problemas encontrados, indicando que a abordagem é pontual e sem efetiva transformação social, tal como percebido nas respostas dos entrevistados.

A ausência de banheiros adequados nas escolas compromete a dignidade, a saúde e a frequência dos estudantes, especialmente das meninas durante o período menstrual, como relatado por algumas alunas e a responsável pela limpeza. Essa inadequação impacta diretamente o aprendizado e o bem-estar das alunas, podendo resultar, inclusive, na evasão escolar.

Além disso, o problema dos banheiros escolares ultrapassa a dimensão da infraestrutura e da higiene, pois está intimamente ligado a questões de formação cidadã e consciência coletiva. A escola, enquanto espaço de socialização, deve promover não apenas o aprendizado formal, mas também valores como respeito ao bem comum, cuidado com o patrimônio público e responsabilidade social. No entanto, os dados analisados indicam que as ações desenvolvidas são pontuais e carecem de continuidade e fundamentação teórica crítica, o que compromete seu potencial transformador, como já alertado por outros estudos.

Portanto, torna-se imprescindível que a escola adote estratégias pedagógicas permanentes e interdisciplinares, que articulem teoria e prática e envolvam todos os sujeitos do processo educativo – gestores, professores, funcionários, alunos e famílias – de forma colaborativa. Projetos de conscientização contínuos, rodas de conversa, estudos dirigidos sobre saúde e cidadania e a participação ativa dos estudantes em campanhas de preservação podem contribuir para modificar comportamentos e consolidar uma cultura de cuidado com os espaços coletivos.

Por fim, ressalta-se a urgência de políticas públicas efetivas que garantam condições estruturais adequadas às unidades escolares, com investimentos em infraestrutura, fornecimento constante de materiais de higiene e número suficiente de profissionais para manutenção. Somente a combinação entre melhoria estrutural, ações educativas contínuas e corresponsabilidade entre escola, família e poder público poderá reverter o

quadro apresentado e assegurar um ambiente digno, saudável e pedagógico para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS MEMBROS DOS TRIBUNAIS DE CONTAS DO BRASIL – ATRICON. **Operação Educação: relatório nacional**, 2023. Disponível em: https://atricon.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Operacao_Educacao_Relatorio_Nacional.pdf. Acesso em: 11 jul. 2025.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/772734293/BARDIN-Laurence-Ana-lise-de-conteudo-4-ed-2016>. Acesso em: 29 jul. 2025

BORGES, T. P. O.. **A transferência de responsabilidade dos pais para os professores**. Revista Mais Educação, v. 4, n. 2, abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistamaiseducacao.com/artigosv4-n2-abril-2021/26>. Acesso em: 23 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep**. Censo Escolar da Educação Básica 2025: Resumo Técnico. Brasília: Inep, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf. Acesso em: 11 de jul. de 2025.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 29 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 29 de jul de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. FARIA, I. D.; MONLEVADE, J. A. C. **Meio ambiente, sociedade, higiene e educação**. 4. ed. atual. e rev. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso; Rede e-Tec Brasil, 2013. 110 p. il. (Profissional – Curso técnico de formação para os funcionários da educação; v. 11). Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=33581-05-disciplinas-ft-ie-caderno-11-meio-ambiente-higien-educacao-pdf&category_slug=fevereiro-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 jul. 2025.

GALVÃO, V. S. de S. **Avaliação da política pública de saneamento básico em escolas públicas de Fortaleza**. 2024. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível

em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/79968/3/2024_dis_vssgalvao.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental – municípios das capitais: 2009/2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. 193 p. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 46). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101955.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LOPES, B. E. M. **Evasão escolar no ensino médio noturno: mediações entre as políticas educacionais contemporâneas e as dinâmicas escolares**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20325/6/Evas%C3%A3oEscolarE%nsino.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

PIANTINO, C. B.; VANIN, A. C.; VIEIRA, M.; SOUZA, D. H. I. **Propostas de ações educativas no ambiente escolar como prática de promoção da saúde**. Ciência et Praxis, v. 11, n. 21, p. 107–110, out. 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/3913>. Acesso em: 25 jul. 2025.

RUCKSTADTER, V. C. M.; OLIVEIRA, L. A.; RUCKSTADTER, F. M. **Trabalho educativo e conhecimento científico: a pedagogia histórico-crítica e o papel do professor**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v. 20, p. 1–16, 2020. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/866077_0/23115. Acesso em: 23 jul. 2025.

ROSA, S. H. D.; BOHN, H. I. **Os banheiros da escola como espaço de significação: as marcas de gênero e a influência da mídia na (trans)formação identitária de estudantes do ensino médio**. In: International Congress of Critical Applied Linguistics – ICCAL, 2015, Brasília. Anais [...]. Brasília: ICCAL, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/iccal/pages/arquivos/ANALIS/IDENTIDADE/OS%20B%20ANHEIROS%20DA%20ESCOLA%20COMO%20ESPACO%20DE%20SIGNIFICACAO.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SANEAMENTO JÁ. **Má qualidade de banheiros escolares pode afetar qualidade do ensino de crianças e adolescentes**. 30 nov. 2021. Disponível em: <http://www.saneamentoja.com.br/ma-qualidade-de-banheiros-escolares-pode-afetar-qualidade-do-ensino-de-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

VIEIRA, L. S.; BELISÁRIO, S. A. **Intersetorialidade na promoção da saúde escolar: um estudo do Programa Saúde na Escola**. Saúde em Debate, São Paulo, v. 42, n. especial 4, p. 120–133, dez. 2018. Disponível em:

<https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/327>. Acesso em: 25 jul. 2025.

CAPITULO 5

DESAFIOS QUE OS JOVENS ENFRENTAM EM SEU PROCESSO EDUCATIVO: Indisciplina, desmotivação e assédio entre pares

Larissa Oliveira da Silva¹⁵

Roberta Vinhote Rodrigues¹⁶

Silvane da Silva Rocha¹⁷

INTRODUÇÃO

Esse capítulo aborda os desafios enfrentados pelos jovens no ambiente escolar, com foco na indisciplina, desmotivação e assédio entre pares, que comprometem o processo de ensino-aprendizagem, o bem-estar emocional dos alunos e a convivência coletiva. A reflexão parte da experiência vivida durante o Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, realizado em uma Escola Estadual de Santarém (PA), vinculada à UFOPA.

A problemática que orienta essa pesquisa pode ser assim enunciada: Quais são os impactos da indisciplina, da desmotivação e do assédio entre pares no processo educativo dos jovens? Como hipótese, levanta-se a possibilidade de que a ausência de estratégias de escuta ativa, empatia e mediação de conflitos contribui para o agravamento desses problemas.

O objetivo principal é promover a conscientização dos alunos sobre esses comportamentos e incentivar a construção de um ambiente escolar mais respeitoso e colaborativo. Entre os objetivos específicos, destacam-se a identificação das características e consequências desses comportamentos, o

¹⁵ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: Laryssarissa@gmail.com

¹⁶ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: robertarodrigues881@gmail.com

¹⁷ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: silvane.rocha46@gmail.com

desenvolvimento da empatia e do respeito mútuo, e o fortalecimento do diálogo entre os estudantes.

A metodologia utilizada baseou-se em abordagem qualitativa, por meio de pesquisa de campo e observação participante, além da realização de rodas de conversa e dinâmicas reflexivas com os alunos. A pesquisa assumiu caráter exploratório e contou com o suporte da gestão escolar e da coordenação pedagógica da instituição.

Este capítulo está estruturado em cinco seções: introdução, fundamentação teórica, procedimentos metodológicos, resultados e discussão, e considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A indisciplina, a desmotivação e o assédio entre pares são questões cada vez mais recorrentes no ambiente escolar, tornando-se desafios complexos que exigem atenção e compreensão profunda por parte da comunidade educativa. Esses fenômenos, longe de representarem meros desvios de conduta, refletem uma série de fatores sociais, emocionais, familiares e institucionais que atravessam a formação dos sujeitos.

No atual contexto escolar, ainda marcado por práticas tecnicistas e por modelos pedagógicos tradicionais, a indisciplina assume formas variadas, manifestando-se em atitudes que rompem com as normas estabelecidas e afetam diretamente a dinâmica das aulas, o desempenho acadêmico e a convivência no espaço coletivo.

A indisciplina, quando observada com maior profundidade, pode ser interpretada como uma forma de expressão do aluno diante da falta de sentido que muitas vezes atribui ao processo escolar. A desconexão entre a escola e a realidade do estudante contribui para o surgimento de comportamentos que transgridem a ordem esperada, revelando insatisfações, carências afetivas e ausência de pertencimento. Esse comportamento, conforme destaca Boarini (2013), deve ser compreendido como um fenômeno humano, complexo e cotidiano, que exige dos educadores um compromisso ético e profissional constante. A disciplina,

portanto, não se impõe, mas se constrói no dia a dia da sala de aula, por meio do diálogo, do exemplo e da autoridade legítima, e não do autoritarismo.

Autores como Vasconcellos (2009) e Tiba (2013) defendem que a função do educador vai além da transmissão de conteúdo. O professor precisa atuar como um mediador da formação humana, cultivando valores como respeito, empatia, solidariedade e consciência crítica.

A escola, nesse sentido, precisa assumir uma postura ativa e formativa, sendo um espaço que prepara os alunos para a vida em sociedade, estabelecendo regras claras e coerentes, que unam firmeza e acolhimento. Essa visão se alinha à proposta de Paulo Freire (1996), que entende a educação como um ato de amor e de respeito, no qual o diálogo e a escuta ativa são centrais para o desenvolvimento dos sujeitos e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Na mesma direção, autores como Gomes, Nogueira e Soares (2010) problematizam o conceito de disciplina como dispositivo funcional de controle social, apontando que, muitas vezes, a disciplina no contexto escolar serve mais à manutenção da ordem e da produtividade do que à formação ética e cidadã dos estudantes. A ideia do panoptismo, presente em suas análises, revela uma escola que vigia e controla, reforçando práticas excludentes e pouco dialógicas. Essa abordagem, influenciada por modelos liberais, tende a invisibilizar as causas reais da indisciplina e desconsiderar a subjetividade dos alunos, transformando a disciplina em uma imposição autoritária, e não em um processo formativo e participativo.

A desmotivação, por sua vez, emerge como consequência direta da falta de sentido e de pertencimento à escola. Quando os estudantes não se veem representados nos conteúdos, nas metodologias e na organização da instituição, perdem o interesse e o engajamento nas atividades escolares.

Conforme Vasconcellos (2009), há uma relação direta entre desmotivação e indisciplina, pois a ausência de motivação leva ao descompromisso, à distração e à resistência às orientações dos professores. Essa perspectiva é reforçada por Rebelo (2002), que aponta causas estruturais da indisciplina, como a relação verticalizada entre educadores e educandos,

a má formação docente, práticas pedagógicas inadequadas e a desarticulação entre escola e família.

A crise de identidade vivenciada na adolescência, conforme argumenta Erikson (1976), é um elemento essencial para compreender os comportamentos apresentados pelos jovens. Nesta fase do desenvolvimento psicossocial, os adolescentes experimentam mudanças intensas e buscam construir sua identidade num cenário de conflitos internos e externos.

Essa transição, marcada por inseguranças e pela busca de pertencimento, torna o espaço escolar um palco onde se projetam emoções, conflitos e relações interpessoais muitas vezes desafiadoras. A ausência de mediação pedagógica adequada, aliada à fragilidade nos vínculos familiares, intensifica esses desafios, podendo resultar em comportamentos agressivos, apatia ou exclusão.

Um dos reflexos mais alarmantes desse cenário é o assédio entre pares, que pode ocorrer de forma verbal, física ou simbólica. Charlot (2000) define o assédio como uma violência que, muitas vezes, é naturalizada e invisibilizada pela cultura institucional da escola. Apelidos ofensivos, exclusão social, intimidações e agressões tornam-se práticas cotidianas em ambientes onde falta empatia e diálogo. Nesses contextos, a ausência de uma cultura de mediação e escuta torna a escola um espaço pouco acolhedor, no qual os vínculos se fragilizam e a violência simbólica se normaliza.

Para que a escola cumpra seu papel formador, é necessário reconhecer que a indisciplina e o assédio não se resolvem por meio da punição isolada, mas sim por meio de um trabalho pedagógico estruturado, que considere a integralidade dos alunos. A escola, portanto, precisa criar condições para que essas interações sejam mediadas de forma positiva, promovendo o respeito mútuo, a valorização das diferenças e a construção de uma consciência ética.

Nesse panorama, torna-se evidente a necessidade de repensar a função social da escola como um espaço não apenas de transmissão de conteúdo, mas, sobretudo, de construção de vínculos, valores e identidades.

A escola precisa ser compreendida como um ambiente que acolhe, orienta e forma sujeitos críticos, conscientes de seu papel na sociedade. Para

isso, é essencial investir em práticas pedagógicas que priorizem o desenvolvimento integral dos estudantes, articulando aspectos cognitivos, emocionais e sociais, de forma que o processo educativo ultrapasse os limites da sala de aula e dialogue com as múltiplas dimensões da vida do aluno.

Além disso, é fundamental reconhecer que a indisciplina, a desmotivação e o assédio entre pares não podem ser tratados como problemas isolados, cuja solução recaia exclusivamente sobre os professores. Trata-se de questões que exigem uma abordagem coletiva, envolvendo a gestão escolar, a coordenação pedagógica, as famílias e os próprios estudantes, em um processo contínuo de escuta, negociação e corresponsabilidade. A atuação em rede, com foco na mediação de conflitos e na construção de um clima escolar positivo, contribui para a prevenção de situações de violência e promove o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais no ambiente educativo.

A construção de um ambiente escolar mais democrático e inclusivo passa, necessariamente, pela valorização do protagonismo juvenil. Quando os estudantes são ouvidos, reconhecidos e envolvidos nas decisões que dizem respeito à sua vivência escolar, desenvolvem maior senso de pertencimento e responsabilidade. Nesse sentido, ações como assembleias escolares, projetos colaborativos e práticas de justiça restaurativa podem ser caminhos viáveis para transformar conflitos em oportunidades de aprendizagem e crescimento. Tais estratégias possibilitam que os jovens se expressem de forma construtiva, contribuindo para o fortalecimento da cultura do respeito e da cooperação.

Por fim, é imprescindível compreender que a transformação da realidade escolar demanda uma mudança de paradigma. Não se trata apenas de corrigir comportamentos ou aplicar sanções, mas de promover uma educação que reconheça os sujeitos em sua complexidade, que atue preventivamente e que se baseie na ética do cuidado e na pedagogia da presença. Essa abordagem, inspirada em autores como Freire (1996), Vygotsky (1991) e Maldonado (1994), aponta para uma escola que humaniza, que ensina a conviver com as diferenças e que prepara o aluno não apenas para os desafios acadêmicos, mas para a vida em sociedade. Assim, a superação

dos conflitos escolares não é um ponto de chegada, mas um processo permanente de construção coletiva, que exige sensibilidade, compromisso e ação pedagógica consciente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é fruto do Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, de natureza qualitativa, e tem como base um estudo de campo realizado em uma Escola Estadual de Santarém (PA). O projeto de intervenção consistiu na elaboração e execução de atividades educativas voltadas ao enfrentamento de problemáticas identificadas durante a observação inicial.

A pesquisa bibliográfica também foi fundamental para a construção teórica do projeto, incluindo autores como Freire, Vygotsky, Oliveira e Batista, entre outros. As atividades foram acompanhadas pela equipe gestora e pedagógica da escola, que contribuiu com sugestões e acompanhamento dos resultados.

Os principais instrumentos metodológicos utilizados foram a observação participante, realização de rodas de conversa com turmas do ensino fundamental e a aplicação de dinâmicas para estimular a empatia, o diálogo e o respeito mútuo, conforme o quadro cronograma de atividades abaixo:

Quadro 1: Cronograma de Atividades.

TURMA/ DIA	4ºETAPA	3ºETAPA – 02/06	1ºANO – 09/06
DIA	26/05	02/06	09/06
OBJETIVO	Objetivo Geral: Promover a conscientização dos alunos sobre os efeitos da indisciplina, da desmotivação e do assédio entre pares, incentivando a construção de um ambiente escolar mais respeitoso e colaborativo.	Objetivo Geral: Promover a conscientização dos alunos sobre os efeitos da indisciplina, da desmotivação e do assédio entre pares, incentivando a construção de um ambiente escolar mais respeitoso e colaborativo.	Objetivo Geral: Promover a conscientização dos alunos sobre os efeitos da indisciplina, da desmotivação e do assédio entre pares, incentivando a construção de um ambiente escolar mais respeitoso e colaborativo.
	Objetivos Específicos:	Objetivos Específicos:	Objetivos Específicos:

	<p>1. Conscientizar os alunos sobre o que caracteriza indisciplina e assédio, abordando suas consequências para o indivíduo e para o grupo.</p> <p>2. Desenvolver habilidades de empatia e respeito, estimulando os alunos a compreenderem a importância de apoiar uns aos outros.</p> <p>3. Fomentar um ambiente de diálogo, onde os alunos se sintam seguros para compartilhar suas experiências e preocupações sobre esses temas.</p>	<p>1. Conscientizar os alunos sobre o que caracteriza indisciplina e assédio, abordando suas consequências para o indivíduo e para o grupo.</p> <p>2. Desenvolver habilidades de empatia e respeito, estimulando os alunos a compreenderem a importância de apoiar uns aos outros.</p> <p>3. Fomentar um ambiente de diálogo, onde os alunos se sintam seguros para compartilhar suas experiências e preocupações sobre esses temas.</p>	<p>1. Conscientizar os alunos sobre o que caracteriza indisciplina e assédio, abordando suas consequências para o indivíduo e para o grupo.</p> <p>2. Desenvolver habilidades de empatia e respeito, estimulando os alunos a compreenderem a importância de apoiar uns aos outros.</p> <p>3. Fomentar um ambiente de diálogo, onde os alunos se sintam seguros para compartilhar suas experiências e preocupações sobre esses temas.</p>
CONTEÚDO	<p>"Desafios que os jovens enfrentam em seu processo educativo."</p> <ul style="list-style-type: none"> • Indisciplina, • Desmotivação 	<p>"Desafios que os jovens enfrentam em seu processo educativo."</p> <ul style="list-style-type: none"> • Indisciplina, • Desmotivação 	<p>"Desafios que os jovens enfrentam em seu processo educativo."</p> <ul style="list-style-type: none"> • Assédio entre Pares.
METODOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciará com uma roda de conversa e uma breve contextualização sobre os desafios enfrentados pelos jovens. • Dinâmica • Atividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciará com uma roda de conversa e uma breve contextualização sobre os desafios enfrentados pelos jovens. • Dinâmica • Atividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciará com uma roda de conversa e uma breve contextualização sobre assédio entre pares. • Dinâmica • Atividade
ATIVIDADES	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de slide sobre indisciplina e Desmotivação • Caixinha do desabafo • Vídeo Motivacional de 6 minutos • Dinâmica do balão no espaço 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de um slide sobre indisciplina e Desmotivação • Caixinha do desabafo • Dinâmica do balão no espaço 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura participativa • Dinâmica do balão no espaço • Questionário sobre assédio sexual
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • A avaliação será realizada de forma contínua, mediante as atividades realizadas e a participação dos alunos nas ações propostas. 	<ul style="list-style-type: none"> • A avaliação será realizada de forma contínua, mediante as atividades realizadas e a participação dos alunos nas ações propostas. • Atividade "Quem é 	<ul style="list-style-type: none"> • A avaliação será realizada de forma contínua, mediante as atividades realizadas e a participação dos alunos nas ações propostas.

	• Atividade “Quem é você?”	
--	----------------------------	--

Fonte: Elaboração própria (2025).

As Atividades lúdicas e cooperativas, como a dinâmica do “balão no espaço”, foram utilizadas como estratégias para fortalecer valores como empatia, cooperação e trabalho em grupo e foram registradas durante o período de intervenção em uma Escola Estadual de ensino fundamental e médio de Santarém no Estado do Pará. Os registros fotográficos dessas atividades podem ser visualizados nas figuras (1, 2 e 3) logo abaixo:

Figura 1: Empatia e Cooperação



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Figura 2: Concentração



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Figura 3: Esforço coletivo e Persistência



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Além disso, os dados coletados ao longo das atividades se configuraram como importantes subsídios para a equipe gestora planejar futuras intervenções pedagógicas voltadas à melhoria do clima escolar e ao fortalecimento da convivência ética. Todas as estratégias foram cuidadosamente pensadas para respeitar a diversidade cultural, social e afetiva dos alunos, reconhecendo suas singularidades e garantindo que todos se sentissem pertencentes ao processo educativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a execução do projeto, observou-se significativa participação ativa dos estudantes nas atividades propostas. As rodas de conversa foram espaços onde os alunos se sentiram seguros para expressar sentimentos e relatar vivências de conflito, exclusão, assédio verbal e episódios de indisciplina. Em vários momentos, surgiram relatos espontâneos de bullying e desmotivação escolar.

Notou-se também que muitos alunos compreendiam o conceito de respeito apenas de forma abstrata. As dinâmicas realizadas permitiram vivenciar, na prática, o significado de empatia e colaboração.

Os resultados reforçam a tese de que espaços de escuta e diálogo dentro da escola são essenciais para a superação de conflitos. A indisciplina, muitas vezes atribuída à falta de limites, revelou-se como resultado de

carência afetiva, baixa autoestima ou dificuldade de comunicação com os adultos da escola.

Comparando com a literatura, observa-se consonância com os estudos de Vygotsky e Freire, ao demonstrar que a aprendizagem significativa e o desenvolvimento humano estão ligados a relações sociais saudáveis e mediadas por afeto e respeito.

Além da participação espontânea, alguns estudantes inicialmente retraídos passaram a demonstrar maior interesse e engajamento ao longo das atividades. Isso indica que a criação de um ambiente seguro e acolhedor favorece o protagonismo juvenil e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A abordagem utilizada possibilitou que os estudantes fossem não apenas ouvintes, mas também autores de reflexões importantes para o coletivo.

Outro ponto relevante foi o impacto positivo das atividades lúdicas, que funcionaram como facilitadoras do aprendizado de valores. Por meio de jogos cooperativos e dinâmicas de grupo, os alunos vivenciaram, de forma prática, situações que exigiam escuta, tomada de decisão conjunta, respeito às regras e solidariedade. Tais vivências, além de reforçarem a convivência ética, contribuíram para a melhoria do clima escolar e para o fortalecimento dos laços entre os colegas.

Observou-se, ainda, que a participação ativa dos professores e da equipe pedagógica na mediação das ações é fundamental para a legitimidade do projeto. Quando os adultos da escola se posicionam como mediadores empáticos e abertos ao diálogo, contribuem significativamente para a construção de um ambiente mais democrático. Esse aspecto está alinhado à proposta freiriana de educação dialógica, em que o professor se torna um facilitador da aprendizagem e da transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de intervenção desenvolvido durante o estágio supervisionado evidenciou que problemas como a indisciplina, a desmotivação e o assédio entre pares não podem ser tratados apenas com

medidas punitivas, mas sim por meio de práticas educativas que promovam escuta, empatia e respeito mútuo.

Os objetivos do capítulo foram alcançados, com destaque para o engajamento dos alunos e o fortalecimento de vínculos entre os estudantes e a equipe pedagógica. A hipótese levantada – de que a ausência de práticas de escuta ativa e mediação contribui para o agravamento dos conflitos – foi confirmada ao longo da intervenção.

Recomenda-se que as escolas invistam em formação continuada dos profissionais para lidar com essas questões de forma sensível e propositiva. Além disso, é importante incluir, no currículo escolar, práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento emocional e social dos alunos.

Os dados obtidos durante a intervenção revelam a importância de se considerar o aspecto emocional e relacional dos estudantes dentro da escola. Ignorar os conflitos cotidianos, silenciar as vozes juvenis ou adotar apenas medidas disciplinares tradicionais tende a perpetuar um ambiente escolar excludente e pouco acolhedor. Por outro lado, práticas que priorizam o diálogo e a escuta ativa mostram-se mais eficazes para promover o pertencimento e o desenvolvimento integral dos alunos.

A relevância deste projeto também se evidencia no fato de que os próprios alunos passaram a propor soluções e a refletir sobre comportamentos e atitudes no convívio escolar. Isso demonstra que, quando os jovens se sentem valorizados e escutados, desenvolvem senso de responsabilidade e compromisso com a coletividade. Portanto, a atuação da gestão escolar deve ir além da administração burocrática e assumir um papel formativo e humanizador.

Dessa forma, o estágio supervisionado em gestão escolar cumpriu um papel formativo essencial, tanto para os acadêmicos quanto para a comunidade escolar. Ele permitiu uma vivência crítica e reflexiva sobre os desafios enfrentados na escola pública e mostrou que a transformação das relações escolares é possível, desde que haja intencionalidade pedagógica, sensibilidade e compromisso coletivo com a construção de uma educação mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- BOARINI, M. L. **Indisciplina escolar: entre o controle e a emancipação**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 4, n. 7/8, p. 432-442, jan./dez. 2002.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, N.; NOGUEIRA, C.; SOARES, R. **Disciplina e poder: o olhar pedagógico**. São Paulo: Autêntica, 2010.
- MALDONADO, Maria Teresa Eglér. **Educar para a paz**. Rio de Janeiro: Editora Gente, 1994.
- REBELO, Joana Nunes. **Aborrecimento dos jovens na escola**. Porto: Rés Editora, 2002.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Libertad, 2009.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CAPITULO 6

O QUE VOCÊ COMPARTILHA DIZ QUEM VOCÊ É: Escolhas, palavras e consequências

Priscila Taiane Ferreira Andrade¹⁸

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de intensas transformações. É quando os jovens começam a construir sua identidade, buscar pertencimento e explorar o mundo – físico e digital – com curiosidade e intensidade. Nesse processo, as palavras ganham peso, os gestos se tornam marcas, e os cliques podem definir reputações. O que antes era dito entre quatro paredes agora ecoa em redes sociais, muitas vezes sem filtro, sem reflexão e sem retorno.

Este capítulo nasce da necessidade de olhar para os comportamentos cotidianos dos estudantes de ensino médio com mais profundidade. Fofocas, exclusões, comentários ofensivos e a exposição indevida de colegas não são apenas “brincadeiras” - são práticas que geram impactos emocionais, sociais e pedagógicos. E quando naturalizadas, silenciam dores, alimentam conflitos e fragilizam vínculos.

Inspirado na intervenção realizada em um colégio em Santarém- PA, na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado Em Gestão Escolar, este capítulo propõe uma abordagem educativa e preventiva, que convida os jovens a refletirem sobre suas atitudes, tanto no convívio escolar quanto nas redes sociais.

O objetivo geral é promover entre os estudantes uma reflexão crítica sobre suas atitudes no convívio escolar e nas mídias sociais, incentivando o respeito, a empatia e o uso consciente da comunicação como forma de prevenir práticas como fofoca, bullying e exposição indevida.

¹⁸ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: fpriscilataiane@gmail.com

A proposta é clara: promover o respeito, a empatia e o uso consciente da comunicação como ferramentas para uma convivência mais ética e saudável. Aqui, cada atividade, cada roda de conversa e cada dinâmica tem um propósito: despertar a consciência de que tudo que se compartilha – seja uma palavra, uma imagem ou uma opinião – revela quem somos e o que escolhemos construir. Porque no mundo contemporâneo, educar para a convivência é educar para a vida.

Este capítulo está estruturado em cinco seções: introdução, fundamentação teórica, procedimentos metodológicos, resultados e discussão, e considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A adolescência é uma fase de intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse período, os jovens estão em processo de construção da identidade, buscando pertencimento e reconhecimento em diferentes grupos, especialmente entre seus pares. A escola, como espaço privilegiado de socialização, torna-se palco de interações que podem ser tanto positivas quanto conflituosas. É nesse contexto que emergem práticas como a fofoca, o bullying e, mais recentemente, o ciberbullying — fenômenos que desafiam a atuação pedagógica e exigem abordagens educativas sensíveis e eficazes.

O fenômeno do bullying escolar tem se consolidado como um dos principais desafios enfrentados pelas instituições educacionais contemporâneas. Segundo Marcondes e Ribeiro (2014), o bullying configura-se como uma forma de violência sistemática, que pode se manifestar por meio de agressões físicas, verbais ou psicológicas, e que frequentemente é confundido com brincadeiras comuns da adolescência. Essa banalização contribui para a invisibilidade das consequências emocionais e sociais que afetam diretamente as vítimas, comprometendo seu rendimento escolar, autoestima e relações interpessoais.

Os autores destacam que o ambiente escolar, por sua natureza plural e formativa, deve ser um espaço de acolhimento e respeito às diferenças. No

entanto, quando práticas excludentes e agressivas são naturalizadas, a escola passa a reproduzir dinâmicas de opressão que fragilizam o processo educativo. Para enfrentar esse cenário, Marcondes e Ribeiro defendem a necessidade de ações pedagógicas intencionais que promovam a conscientização dos estudantes e a formação ética dos sujeitos, com foco na construção de uma cultura de paz e respeito mútuo.

A escola, portanto, precisa assumir um papel ativo na prevenção e enfrentamento do bullying, promovendo ações que estimulem o respeito às diferenças, a empatia e a escuta qualificada. Marcondes e Ribeiro defendem que a formação dos educadores deve incluir estratégias para identificar e intervir em situações de violência simbólica, além de fomentar uma cultura escolar pautada pela ética e pela convivência democrática.

No contexto digital, o bullying assume novas configurações, especialmente entre adolescentes. Nakamura (2018) aprofunda a discussão sobre o ciberbullying, caracterizando-o como uma prática agressiva e intencional realizada por meio de tecnologias de comunicação, como redes sociais, aplicativos de mensagens e fóruns online. A autora aponta que o ciberbullying possui características específicas, como a ampliação do alcance das agressões, a permanência dos conteúdos ofensivos na rede e a dificuldade de controle sobre sua disseminação.

A pesquisa de Nakamura revela que adolescentes vítimas de ciberbullying enfrentam impactos significativos em sua saúde mental, como ansiedade, depressão, isolamento social e baixa autoestima. Além disso, aponta que a cultura digital, marcada pela hipervisibilidade e pela busca constante por validação, contribui para a intensificação desses conflitos. A necessidade de “ser visto”, “ser aceito” e “ser popular” nas redes sociais cria um ambiente propício para julgamentos, comparações e exposições indevidas, especialmente entre os jovens em processo de formação identitária. Nesse sentido, é fundamental compreender que o ciberbullying não se limita à agressão direta, mas envolve também práticas sutis e simbólicas, como a exclusão de grupos virtuais, o compartilhamento de conteúdo embaraçosos sem consentimento e a disseminação de rumores.

Essas ações, embora muitas vezes invisíveis aos olhos dos adultos, têm efeitos devastadores sobre a autoestima e o bem-estar dos adolescentes.

A literatura aponta que a prevenção do ciberbullying exige uma abordagem multidimensional, que envolva não apenas a escola, mas também a família, os profissionais da saúde e as próprias plataformas digitais. Nakamura (2018) defende que a educação para o uso ético das tecnologias deve ser incorporada ao currículo escolar, promovendo a alfabetização digital crítica e o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, autorregulação e responsabilidade. Além disso, destaca-se a importância de estratégias preventivas, como o desenvolvimento da empatia, o fortalecimento dos vínculos familiares e escolares, e a promoção de uma cultura digital responsável. A autora enfatiza que a prevenção passa pela educação para o uso ético das tecnologias, pela escuta ativa dos jovens e pela criação de espaços seguros para o diálogo.

Dessa forma, a fundamentação teórica aqui apresentada reforça a relevância do projeto de intervenção proposto, que busca promover entre os estudantes do ensino médio uma reflexão crítica sobre suas atitudes no convívio escolar e nas mídias sociais. Ao reconhecer o peso das palavras e a responsabilidade por trás de cada clique, os jovens são convidados a construir relações mais saudáveis, respeitosas e conscientes – tanto no ambiente físico quanto no digital.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é fruto do Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, de natureza qualitativa, e tem como base um estudo de campo realizado em uma Escola Estadual de Santarém (PA). O projeto de intervenção consistiu na elaboração e execução de atividades educativas voltadas ao enfrentamento de problemáticas identificadas durante a observação inicial.

O projeto fundamentou-se em princípios da educação humanizadora, conforme proposto por Paulo Freire (1996), que valoriza o diálogo como instrumento de transformação e reconhece os estudantes como sujeitos ativos do processo educativo. A escuta, o acolhimento e a valorização das

experiências individuais foram elementos centrais na condução das atividades, buscando romper com práticas autoritárias e promover uma convivência democrática.

Além disso, a metodologia incorporou elementos da educação socioemocional, reconhecendo que o desenvolvimento de competências como empatia, autorregulação, escuta ativa e resolução de conflitos é essencial para a formação integral dos jovens. As atividades foram planejadas para estimular a reflexão crítica, o trabalho colaborativo e a expressão de sentimentos, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos interpessoais e para a construção de um ambiente escolar mais saudável.

A metodologia adotada nesse projeto de intervenção fundamenta-se em uma abordagem dialógica, participativa e preventiva, com foco na promoção de uma cultura escolar pautada pelo respeito, pela empatia e pelo uso consciente da comunicação – tanto no ambiente físico quanto no digital.

As atividades foram planejadas com o objetivo de envolver os estudantes do colégio de forma ativa e reflexiva, permitindo que eles compartilhassem experiências, analisassem comportamentos cotidianos e construissem coletivamente estratégias para melhorar a convivência escolar.

As ações foram organizadas em diferentes formatos, visando atender à diversidade de perfis e estilos de aprendizagem dos estudantes, tais como:

- Rodas de conversa: Espaço de escuta e diálogo, onde os alunos puderam refletir sobre o impacto das palavras, das escolhas e das atitudes nas redes sociais e no convívio escolar. As rodas foram guiadas por perguntas norteadoras e combinados de respeito mútuo.

- Palestras temáticas:

Foram realizadas três palestras, abordando os seguintes temas:

- O poder da linguagem na construção de conflitos;
- Responsabilidade legal e social no uso das redes sociais;
- Saúde emocional, autoestima e exclusão virtual.

- Avaliação formativa:

A avaliação do projeto foi realizada de forma formativa e contínua, buscando acompanhar o processo de aprendizagem dos estudantes e identificar avanços, dificuldades e possibilidades de aprimoramento. Ao final das atividades, os alunos foram convidados a refletir sobre sua participação, aprendizado e postura. A avaliação considerou aspectos como colaboração, respeito às ideias dos colegas e envolvimento nas dinâmicas propostas.

Essa metodologia busca não apenas intervir em comportamentos prejudiciais, mas também formar sujeitos conscientes e responsáveis, capazes de reconhecer o impacto de suas ações e de contribuir para um ambiente escolar mais saudável, seguro e acolhedor.

Os registros fotográficos das rodas de conversas realizadas podem ser visualizados nas figuras 1 e 2 logo abaixo:

Figura 1: Rodas de conversas.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Figura 2: Rodas de conversas.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção tem como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos a partir da implementação do projeto de intervenção “o que você compartilha diz quem você é” desenvolvido com estudantes de um colégio em Santarém PA. A proposta teve como foco a promoção da convivência ética e respeitosa no ambiente escolar, com ênfase na responsabilidade digital e na prevenção de conflitos mediados pelas redes sociais.

A análise dos dados foi realizada a partir de registros das rodas de conversa, observações dos educadores, depoimentos dos estudantes e instrumentos de avaliação formativa. Os resultados são discutidos à luz de referenciais teóricos da educação e da comunicação não-violenta, buscando compreender os impactos da intervenção na cultura escolar e na prática cotidianas dos adolescentes.

Desde o início do projeto, observou-se uma adesão dos estudantes às atividades propostas. As rodas de conversa revelaram um espaço de escuta e expressão, onde os jovens puderam compartilhar experiências, sentimentos e dilemas relacionados à convivência escolar e ao uso das redes sociais.

A escuta ativa, contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre os participantes e para a construção de um ambiente seguro para o diálogo. Estudantes relataram que nunca haviam tido a oportunidade de falar abertamente sobre situações de exposição, humilhação ou exclusão vividas no ambiente virtual. Esse espaço de fala foi essencial para que se sentissem acolhidos e validados em suas experiências.

A valorização da voz dos estudantes está alinhada com os princípios da educação democrática, conforme defende Paulo Freire (1996), ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Um dos temas centrais discutidos durante o projeto foi o impacto das redes sociais na dinâmica dos conflitos escolares. Os estudantes relataram que muitas situações de desentendimento, que antes se limitavam ao espaço físico da escola, passaram a se intensificar no ambiente virtual, especialmente por meio de aplicativos de mensagens e plataformas.

A prática de compartilhar prints de conversas privadas, publicar indiretas ou expor colegas em vídeos e comentários foi amplamente debatida. Inicialmente, muitos alunos não reconheciam essas ações como formas de violência simbólica. No entanto, ao longo das atividades, passaram a compreender que tais práticas podem gerar sofrimento psíquico, exclusão social e danos à reputação dos envolvidos.

A dinâmica “linha do tempo” foi especialmente eficaz nesse processo de conscientização. Ao serem convidados a classificar diferentes atitudes em uma escala de impacto emocional, os estudantes perceberam que ações aparentemente inofensivas, como “curtir” comentários ofensivos ou compartilhar memes depreciativos, também contribuem para a perpetuação da violência simbólica.

A introdução dos princípios da Comunicação Não-Violenta (CNV), conforme propostos por Marshall Rosenberg (2006), foi um dos pontos altos do projeto. Os estudantes foram convidados a refletir sobre a importância de reconhecer seus sentimentos, identificar suas necessidades e se expressar de forma respeitosa e empática.

Durante as oficinas temáticas, foram trabalhadas estratégias de escuta ativa, reformulação de mensagens agressivas e construção de diálogos assertivos. A CNV mostrou-se uma abordagem eficaz para promover a autorregulação emocional e a resolução pacífica de conflitos. Muitos estudantes relataram que passariam a pensar duas vezes antes de responder impulsivamente a uma provocação nas redes sociais, buscando compreender o contexto e os sentimentos envolvidos.

O projeto também enfrentou desafios importantes. A resistência inicial de alguns estudantes, exigiu uma abordagem cuidadosa e não punitiva. Foi necessário construir confiança e mostrar que o objetivo não era julgar, mas promover reflexão e mudança.

Além disso, a limitação de tempo e recurso dificultou a ampliação do projeto para outras turmas e segmentos da escola. A continuidade da proposta dependerá do engajamento da equipe pedagógica e da incorporação das ações ao planejamento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto de intervenção “O que você compartilha diz quem você é: escolhas, palavras e consequências” revelou-se uma experiência pedagógica profundamente significativa, tanto para os estudantes quanto para os profissionais envolvidos. Em um contexto marcado pela intensificação das relações digitais e pela complexidade das interações sociais na adolescência, tornou-se evidente que a escola precisa assumir um papel ativo na formação ética e emocional dos jovens, indo além da transmissão de conteúdos curriculares.

Ao abordar temas como fofoca, bullying, exposição indevida e responsabilidade nas redes sociais, o projeto promoveu uma ruptura com a naturalização de comportamentos agressivos e excludentes que, muitas vezes, são vistos como parte do cotidiano escolar.

Através de rodas de conversa, dinâmicas reflexivas e palestras temáticas, os estudantes foram convidados a olhar para si mesmos, para suas atitudes e para o impacto que suas palavras e ações podem ter na vida dos outros. Essa proposta dialógica e participativa permitiu que os jovens se reconhecessem como sujeitos ativos na construção de uma convivência mais respeitosa, empática e consciente.

Os resultados observados ao longo da intervenção indicam avanços importantes na cultura escolar. Houve uma ampliação da escuta entre os pares, maior disposição para o diálogo e uma mudança perceptível na forma como os alunos passaram a se posicionar diante de situações de conflito. A compreensão de que “nem tudo que parece brincadeira é inofensivo” foi internalizada por muitos, que passaram a questionar práticas antes consideradas normais, como o compartilhamento de conteúdo privados ou a publicação de indiretas nas redes sociais.

A fundamentação teórica que sustentou o projeto, baseada em autores como Marcondes & Ribeiro (2014) e Nakamura (2018), reforça a urgência de práticas educativas que enfrentem a violência simbólica e promovam o uso ético das tecnologias. A escola, como espaço privilegiado de formação humana, precisa estar atenta às transformações sociais e às novas formas de

interação que emergem com o avanço digital. Ignorar essas dinâmicas é negligenciar uma parte essencial da vida dos adolescentes, que hoje constroem sua identidade também — e muitas vezes principalmente — no ambiente virtual.

É importante destacar que a intervenção não pretendeu oferecer respostas prontas ou soluções definitivas, mas sim abrir caminhos para a reflexão, o diálogo e a construção coletiva de valores. A educação para a convivência exige continuidade, escuta constante e disposição para rever práticas e posturas. Por isso, recomenda-se que ações como esta sejam incorporadas ao planejamento pedagógico da escola, de forma transversal e permanente, envolvendo toda a comunidade escolar — estudantes, professores, gestores e famílias.

Em síntese, o projeto reafirma que cada palavra tem peso, cada escolha comunica, e cada clique carrega uma responsabilidade. Ao promover a consciência sobre esses aspectos, contribui para a formação de jovens mais sensíveis, críticos e preparados para lidar com os desafios das relações humanas no século XXI. Que este capítulo não seja apenas um relato de uma intervenção pontual, mas um convite à transformação contínua — dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARCONDES, J. A.; RIBEIRO, C. A. **Bullying na escola**: um desafio na educação. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 58, p. 35–52, 2014.
- NAKAMURA, A. **Ciberbullying entre adolescentes**: reflexões sobre a prática e a prevenção. Psicologia em Estudo, v. 23, n. 3, p. 427–436, 2018.
- ROSENBERG, Marshall. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

CAPITULO 7

MAIO LARANJA: Olhares Atentos: Prevenção, identificação e ação contra o abuso sexual de crianças e adolescentes

Moisés Guimarães Cardoso¹⁹
Willemes André Lopes Batista²⁰

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado foi realizado na Escola Estadual Diocesana São Francisco, localizada em Santarém, no estado do Pará. Trata-se de uma instituição confessional com orientação religiosa católica, onde as atividades escolares são iniciadas com oração e reflexões espirituais. Durante o diagnóstico situacional realizado no estágio, observou-se uma demanda reprimida sobre a discussão da temática da violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo perceptível o interesse de docentes e discentes por espaços de formação e escuta.

Durante o estágio de Gestão Escolar, observou-se que grande parte dos profissionais da educação desconhecia os fluxos de notificação e encaminhamento de casos suspeitos, revelando lacunas importantes na formação inicial e continuada. A proposta do evento visou justamente suprir essa demanda formativa e contribuir para a institucionalização de práticas preventivas e de acolhimento, baseadas em escuta qualificada, empatia e ação intersetorial.

Entretanto, devido às limitações físicas da estrutura da escola e à sensibilidade do tema frente à gestão religiosa da instituição, optou-se por realizar o evento na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que se prontificou a acolher a proposta de fornecer infraestrutura e apoio

¹⁹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: moisescardosinho08@gmail.com.

²⁰ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – e-mail: bbatista.andre@gmail.com.

institucional. Essa decisão garantiu maior liberdade pedagógica e abertura para o debate intersetorial e interdisciplinar, favorecendo o alcance dos objetivos do projeto. O Projeto Maio Laranja é uma ação educativa que visa sensibilizar a sociedade para o enfrentamento do abuso sexual infantil. Desenvolvido no contexto do estágio curricular supervisionado do curso de Pedagogia com ênfase em Gestão Escolar, o projeto teve como objetivo geral promover uma rede de apoio e proteção às crianças e adolescentes por meio de discussões, formações e escutas ativas. O problema de pesquisa que norteou a proposta foi: como a escola pode atuar como sentinela na identificação e ação frente ao abuso sexual infanto-juvenil?

Como objetivos específicos destacam-se: fomentar o diálogo intersetorial; capacitar profissionais da educação, saúde e assistência; e construir protocolos de ação articulados à rede de proteção local. A metodologia adotada fundamentou-se em abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso, utilizando procedimentos como observação participante e análise documental de legislações, diretrizes da educação e estatísticas de violências contra crianças e adolescentes. A justificativa da proposta se sustenta na urgência de mecanismos eficazes de prevenção e enfrentamento ao abuso sexual, bem como na valorização do papel da escola como núcleo estratégico de proteção.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Maio Laranja integra uma campanha nacional de conscientização instituída oficialmente pela Lei 14.432/2022, que estabelece o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Essa data remete ao caso da menina Araceli, assassinada em 1973, um símbolo da luta por justiça e proteção às infâncias. Nesse sentido, este projeto foi idealizado com o intuito de criar espaços de debate e formação contínua dentro das instituições educacionais, reconhecendo que a escola é um dos primeiros lugares capazes de detectar sinais de abuso e agir de forma protetiva, articulada com o Sistema de Garantia de Direitos.

A proteção à infância e adolescência no Brasil está amparada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e constitui dever da família, da sociedade e do Estado. Segundo Sampieri et al. (2013), o envolvimento da comunidade escolar é decisivo para a identificação precoce de sinais de abuso, sendo necessário um olhar atento e ações formativas contínuas.

Estudos como os de Catani et al. (2001) e Severino (2007) reforçam o papel da educação como vetor de cidadania e espaço de acolhimento. O Movimento Maio Laranja nasce nesse contexto, para ampliar a discussão sobre direitos e mecanismos de notificação e proteção. A atuação de conselhos tutelares, órgãos de justiça e assistência social compõe o cenário complexo que demanda articulação e corresponsabilidade.

De acordo com Faleiros (2011), a violência sexual contra crianças e adolescentes deve ser compreendida como uma violação dos direitos humanos, profundamente marcada por desigualdades de gênero, classe e raça. As práticas de escuta na escola requerem formação, ética e responsabilidade. Ainda conforme o autor, a notificação não é uma mera formalidade, mas uma ação de proteção e responsabilização do Estado.

Para Oliveira (2016), o espaço escolar não pode ser neutro frente às violências que atravessam a infância. Ao contrário, precisa assumir-se como território de cuidado e transformação, compreendendo a formação docente como processo contínuo e comprometido com os direitos humanos. Longe de ser um ambiente passivo, a escola deve posicionar-se ativamente como um território de cuidado, acolhimento e transformação. Isso implica uma compreensão profunda de seu papel na proteção de crianças e adolescentes, atuando como um bastião contra as diversas formas de violação de direitos.

Ademais, Oliveira (2016) enfatiza a imperatividade de uma formação docente que seja contínua e intrinsecamente comprometida com os direitos humanos. Essa formação não se restringe à capacitação técnica, mas abrange o desenvolvimento de uma consciência crítica e empática nos educadores, capacitando-os a identificar sinais de violência, intervir de forma adequada e promover um ambiente escolar seguro e protetivo. O processo formativo deve, portanto, ser dinâmico e constantemente atualizado,

refletindo as complexidades das violências na infância e as estratégias mais eficazes para combatê-las, consolidando a escola como um pilar fundamental na garantia da dignidade e bem-estar de seus estudantes.

Freire (1996) destaca que a educação deve ser um ato político, ético e estético, capaz de intervir na realidade para transformá-la. O projeto Maio Laranja dialoga com essa concepção ao propor ações educativas que envolvem o corpo docente, gestores, estudantes e familiares na construção de uma rede de proteção baseada no diálogo e na empatia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e intervencivo, utilizando o estudo de caso como estratégia principal de investigação. O estágio supervisionado foi realizado na Escola Estadual Diocesana São Francisco, localizada em Santarém, no estado do Pará, onde se identificou uma demanda significativa relacionada à necessidade de formação e conscientização sobre a temática do abuso sexual infanto-juvenil. O diagnóstico situacional foi conduzido por meio de observação participante no ambiente escolar, conversas informais com docentes e gestores, e análise documental de legislações, diretrizes educacionais e dados estatísticos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. Esses procedimentos revelaram lacunas na formação dos profissionais quanto aos fluxos de notificação e encaminhamento, bem como o interesse da comunidade escolar em participar de ações formativas sobre o tema.

Diante disso, optou-se pela realização de uma ação educativa intersetorial — o evento "Projeto Maio Laranja: Olhares Atentos", que ocorreu nos dias 26 e 27 de maio de 2025, nas dependências da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A decisão de realizar o evento fora da escola parceira deveu-se a limitações estruturais da instituição escolar e à necessidade de um ambiente com maior liberdade pedagógica para tratar de um tema sensível, possibilitando o envolvimento de múltiplos setores sociais.

O evento foi organizado com base em três eixos centrais:

1. Formação teórica e crítica, promovida por meio de painéis temáticos e mesas de discussão com profissionais da educação, assistência social, saúde e sistema de justiça;

2. Oficinas pedagógicas, divididas conforme as etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio), com a finalidade de construir estratégias concretas de prevenção, escuta e ação;

3. Produção coletiva de materiais e protocolos, visando a aplicabilidade prática no cotidiano escolar e o fortalecimento da rede de proteção às infâncias e juventudes.

O método adotado inspirou-se nos princípios da pesquisa-ação, que pressupõe a participação ativa dos sujeitos envolvidos na transformação da realidade. Assim, o projeto se estruturou como uma resposta coletiva a um problema concreto, promovendo diálogo intersetorial, escuta qualificada e formação continuada. Essa metodologia possibilitou não apenas a promoção de reflexões sobre o tema, mas também a construção efetiva de ferramentas pedagógicas (como cartilhas, fluxogramas e roteiros de escuta), que podem ser incorporadas pelas escolas da rede pública como estratégias de enfrentamento ao abuso sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O evento “Projeto Maio Laranja: Olhares Atentos”, realizado nos dias 26 e 27 de maio de 2025, nas dependências da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), promoveu um espaço de formação e diálogo intersetorial sobre o enfrentamento ao abuso sexual infanto-juvenil. A ação reuniu profissionais da educação, saúde, assistência social, sistema de justiça, além de representantes da sociedade civil, reafirmando o caráter coletivo e estratégico da iniciativa.

A escolha pela realização do evento fora do espaço escolar deu-se pela necessidade de um ambiente mais livre para tratar de um tema sensível, possibilitando maior articulação entre os setores envolvidos. A UFOPA ofereceu

estrutura e legitimidade para aprofundar o debate de maneira crítica e propositiva.

A programação foi organizada em três eixos principais:

1. Formação teórica e crítica, por meio de painéis e mesas temáticas;
2. Oficinas pedagógicas, segmentadas por etapas da Educação Básica, com foco em estratégias práticas de prevenção e escuta;
3. Produção coletiva de materiais e protocolos, com aplicabilidade no cotidiano escolar e integração com a rede de proteção.

No dia 26 de maio, a mesa de abertura contou com representantes da SEDUC, SEMED, CONDECA, UFOPA, Ministério Público, ICED e do Movimento Negro Unificado, que destacaram a importância da intersetorialidade e da formação continuada na prevenção das violências. A noite também foi marcada pela apresentação cultural, cuja performance abordou ancestralidade e resistência, sensibilizando o público presente. Na sequência, o painel temático reuniu seis profissionais da rede de proteção e da educação, que abordaram aspectos como escuta ativa, vínculos pedagógicos, papel do Conselho Tutelar e os desafios da notificação. Willemes André atuou como mediador das discussões nas duas noites do evento, promovendo reflexões críticas e dinâmicas que potencializaram o diálogo entre os participantes.

No segundo dia, 27 de maio, ocorreram as oficinas pedagógicas, organizadas por nível de ensino:

- Educação Infantil: linguagem corporal, escuta acolhedora, privacidade e sentimentos;
- Ensino Fundamental I: segurança pessoal, vínculo pedagógico e espaços seguros de fala;
- Ensino Fundamental II: autoestima, protagonismo juvenil, redes sociais e escuta ativa;
- Ensino Médio: consentimento, masculinidades, prevenção entre pares e segurança digital.

Essas oficinas permitiram a construção coletiva de estratégias pedagógicas contextualizadas, gerando materiais como cartazes, jogos, fluxogramas, roteiros de escuta e guias visuais. Ao final, foi realizada uma socialização dos produtos, com circulação entre os grupos, trocas de experiências e olhares críticos sobre os resultados. Cada grupo também elaborou um protocolo prático de ação, alinhado aos fluxos da rede de proteção e adaptado à realidade escolar. Na plenária final, os participantes consolidaram as propostas construídas ao longo das oficinas, destacando a urgência de transformar as ideias em ações efetivas. O encerramento contou com a fala emocionante da professora Lucineide Pinheiro, que compartilhou sua trajetória na defesa dos direitos da infância, reforçando o compromisso coletivo com a causa.

A presença de órgãos como o Ministério Público, CONDECA, representantes da UFOPA e movimentos sociais conferiu legitimidade institucional ao evento e fortaleceu os laços entre universidade, escola e rede de proteção. O evento demonstrou que a formação intersetorial, a escuta qualificada e a produção coletiva de ferramentas pedagógicas são fundamentais para enfrentar o abuso sexual infanto-juvenil. A proposta reafirma o papel da escola como espaço de escuta e ação, desde que respaldada por apoio institucional e políticas públicas integradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Maio Laranja cumpriu seu objetivo de fomentar uma cultura de proteção nas escolas. O trabalho conjunto entre educadores, conselheiros tutelares, psicólogos e gestores resultou em propostas concretas de ação. A hipótese inicial, de que a escola pode ser uma sentinela no enfrentamento do abuso sexual infantil, foi confirmada. Recomenda-se a ampliação da campanha para outros municípios e a continuidade de ações formativas. Futuras pesquisas poderão analisar o impacto da implementação dos protocolos sugeridos nas unidades escolares. Conclui-se que o Projeto Maio Laranja cumpriu não apenas uma função educativa, mas também política e social ao mobilizar diversos setores da comunidade em torno da defesa da

infância. A metodologia participativa adotada permitiu a construção coletiva de saberes e estratégias, fortalecendo a rede de proteção local.

As contribuições dos grupos de trabalho demonstraram o engajamento dos participantes e a urgência da criação de um protocolo de escuta e ação em todas as escolas do município. Entre as recomendações, destaca-se a necessidade de que os cursos de licenciatura incluam a temática da violência sexual infantil em suas grades curriculares e que sejam oferecidas formações regulares para os profissionais da educação. Além disso, sugere-se a institucionalização do evento Maio Laranja no calendário oficial da rede municipal de ensino.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 14.432, de 3 de agosto de 2022.** Institui a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas, com o objetivo de universalizar o acesso à internet de qualidade para uso pedagógico na educação básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 147, p. 1, 4 ago. 2022.
- CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F.; DOURADO, L. F. **Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil.** Educação e Sociedade, v. 22, n. 75, p. 67-83, 2001.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 23.ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23ed. Rev. e atual. 5 reimpressão. Ed. Cortez. São Paulo, 2007.
- FALEIROS, V. P. **Estratégias em serviço social:** crítica e proposta. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- OLIVEIRA, M. R. P. **A escola e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.** Campinas: Autores Associados, 2016.

CAPÍTULO 8

ESPAÇO LER: Revitalização da biblioteca como ato de gestão democrática

Elciclei Araújo Rêgo²¹

Leandro Sousa Brito²²

Yasmin Coelho dos Santos²³

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Álvares Cabral (Santarém-PA), entre abril e julho de 2025, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Lília Imbiriba Sousa Colares, constituiu-se em um espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática.

Na fase de observação, identificou-se que a biblioteca escolar estava fechada há mais de sete anos, convertida em espaço ocioso e invisibilizado. Essa situação expressava a contradição entre o discurso da gestão democrática e a efetivação prática de condições para o acesso ao conhecimento. Como afirmam Santos e Prado (2018), a formação do professor-gestor exige compreender que a gestão escolar envolve dimensões pedagógicas, administrativas e políticas, sendo necessário intervir em espaços concretos para garantir a democratização da escola.

Foi nesse contexto que emergiu a proposta de intervenção intitulada “Espaço Ler”, cujo objetivo foi revitalizar a biblioteca escolar, ressignificando-a como ambiente de aprendizagem, convivência e emancipação. Inspirados em Freire (1996), entendemos que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e, portanto, a criação de ambientes de leitura é um ato político-pedagógico de ampliação da cidadania.

²¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – E-mail: elcicleiaraujo@gmail.com

²² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail:leandro.amakha@gmail.com

²³ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: ycsyasmimsantos@gmail.com

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura sobre gestão escolar evidencia que a figura do “diretor” autoritário, típica da administração escolar tradicional e vinculada a práticas de centralização e controle, deu lugar, sobretudo a partir das reformas da década de 1990, ao discurso do “gestor” democrático. Esse deslocamento semântico, no entanto, não significou, necessariamente, uma ruptura estrutural nas práticas de gestão. Como alertam Santos e Prado (2018), a simples mudança de nomenclatura não garante, por si só, uma prática efetivamente democrática, já que a essência da gestão educacional requer a construção de processos coletivos, dialógicos e participativos. Em outras palavras, para que a gestão escolar seja de fato democrática, é preciso transformar as relações internas da escola, superando a lógica verticalizada e instaurando mecanismos reais de participação da comunidade escolar na tomada de decisões.

Esse debate ganha centralidade no contexto brasileiro em virtude das contradições instauradas pelas políticas educacionais dos anos 1990, marcadas pelo ideário neoliberal. Ao mesmo tempo em que se propagava a descentralização e a autonomia da escola, mantinha-se uma forte centralização das diretrizes curriculares e dos mecanismos de avaliação, limitando a capacidade de decisão coletiva no âmbito escolar (SANTOS; PRADO, 2018). Assim, a noção de “gestor democrático” tornou-se, muitas vezes, mais retórica do que prática, exigindo reflexão crítica e engajamento político-pedagógico para evitar que a democracia fosse reduzida a um discurso vazio.

Nesse cenário, o estágio em gestão escolar adquire papel formativo essencial. O Plano de Ensino do Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar da UFOPA (2025/1) estabelece que essa experiência deve articular diagnóstico, intervenção e sistematização crítica, de modo que o futuro pedagogo seja capaz de vivenciar as contradições da escola, compreender os limites impostos pelas condições materiais e institucionais e, a partir disso, propor alternativas de superação. Trata-se de um exercício que extrapola o

aprendizado técnico e administrativo, constituindo-se como prática de reflexão crítica sobre o papel da escola e de seus sujeitos na efetivação de uma gestão democrática e emancipadora.

No campo específico da leitura, a discussão adquire relevância singular. Leonardeli, Alvarenga e Silva (2021) enfatizam que a organização dos espaços escolares deve estar atrelada à intencionalidade pedagógica, uma vez que ambientes de leitura planejados e acessíveis são determinantes para a formação de leitores críticos e autônomos. Do mesmo modo, Bernabé Leonardeli, Alvarenga e Silva (2021) demonstram que bibliotecas desorganizadas, com acervos limitados e ausência de profissionais qualificados, acabam por desestimular a prática leitora, convertendo-se em espaços subutilizados ou mesmo invisibilizados no cotidiano escolar. Essa realidade reforça a urgência de repensar a biblioteca não apenas como depósito de livros, mas como espaço estético, cultural e formativo, indissociável da missão pedagógica da escola.

Diante desse quadro, a revitalização da biblioteca por meio do projeto *Espaço Ler* constituiu-se como prática concreta de gestão democrática. Mais do que reorganizar fisicamente um espaço ocioso, a intervenção buscou garantir condições objetivas de acesso ao saber, ressignificando a biblioteca como lugar de convivência, diálogo e emancipação intelectual.

A **questão norteadora** que orientou a intervenção foi: como transformar um espaço escolar em um ambiente pedagógico e democrático, capaz de estimular a leitura, a convivência e o protagonismo estudantil?

A partir dessa questão, definiu-se o **objetivo geral**: revitalizar a biblioteca escolar, ressignificando-a como espaço pedagógico, artístico e afetivo, de modo a fortalecer a gestão democrática e a formação leitora dos estudantes. Para alcançar esse propósito, estabeleceram-se os seguintes **objetivos específicos**:

1. Promover a reestruturação física e estética da biblioteca, tornando-a um ambiente atrativo e acolhedor;
2. Reorganizar o acervo de forma acessível e funcional, ampliando a autonomia dos alunos na escolha dos materiais de leitura;

3. Estimular o protagonismo juvenil por meio de atividades coletivas de expressão, escuta sensível e produção cultural;
4. Consolidar a biblioteca como espaço democrático de aprendizagem, integrando-a ao cotidiano pedagógico da escola.

Inspirados em Gadotti (2000), compreendemos que a escola deve ser concebida como espaço de esperança, e isso exige superar a lógica burocrática e administrativa para transformá-la em ambiente de acolhimento, criação e protagonismo estudantil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada foi qualitativa, baseada em observação participante, análise documental e escuta ativa da comunidade escolar. O estágio foi desenvolvido em três fases, totalizando 68 horas:

1. Observação e Diagnóstico (24h): leitura do PPP, entrevistas com gestores, reuniões pedagógicas e reconhecimento do espaço da biblioteca.
2. Planejamento e Execução (28h): elaboração de cronograma, aquisição de materiais, pintura, reorganização do acervo e ambientação lúdica.
3. Socialização com Estudantes (16h): inauguração do espaço, rodas de conversa e dinâmicas participativas.

Esse percurso materializou a articulação teoria-prática, em sintonia com o que defendem Santos e Prado (2018) sobre o estágio como momento de reflexão crítica e aprendizagem da gestão.

O PROJETO “ESPAÇO LER”

O projeto surgiu da necessidade de ressignificar a biblioteca, que por anos permanecera fechada e invisibilizada no cotidiano da escola, transformando-a em espaço pedagógico, artístico e afetivo. Essa iniciativa não se limitou a uma reforma estética, mas partiu do reconhecimento de que a biblioteca é um espaço estratégico para a democratização do conhecimento e para a promoção da leitura como prática cultural e crítica.

Como afirmam Bernabé Leonardi, Alvarenga e Silva (2021), a ausência de ambientes de leitura organizados compromete a formação leitora dos estudantes, reforçando desigualdades no acesso ao saber.

Dessa forma, a intervenção envolveu múltiplas dimensões: pintura temática com cores vibrantes que despertassem a curiosidade e o encantamento; reorganização dos livros em categorias e faixas etárias, possibilitando maior autonomia dos alunos no processo de escolha; ambientação com almofadas, tapetes e mesas baixas que convidassem ao convívio e ao acolhimento; fixação de placas educativas e frases inspiradoras de autores consagrados, reforçando o caráter formativo e crítico da leitura. Além disso, o espaço foi planejado para ser também um ambiente artístico, aberto a exposições, rodas de conversa, contação de histórias e atividades culturais, reafirmando a ideia de que a escola é um território de múltiplas linguagens.

Assim, mais do que revitalizar fisicamente um espaço, o projeto *Espaço Ler* configurou-se como prática de gestão democrática e ato político-pedagógico, no sentido freiriano, ao devolver aos estudantes um lugar de pertencimento, diálogo e produção de sentidos. A biblioteca deixou de ser um depósito inativo de livros para se tornar um ambiente vivo, carregado de significados, em que o aprender se entrelaça ao sentir, ao imaginar e ao criar coletivamente.

As atividades do projeto foram organizadas em três momentos sequenciais, cada um com objetivos pedagógicos e simbólicos específicos, que buscavam não apenas reabrir a biblioteca, mas ressignificá-la como espaço de convivência, cultura e emancipação.

Dia 1: inauguração simbólica com visita guiada e reflexões coletivas.

O primeiro dia teve caráter ritualístico e celebrativo. A inauguração simbólica marcou a reabertura da biblioteca como conquista coletiva, na qual os estudantes puderam participar de uma visita guiada ao novo espaço. Nesse percurso, os livros foram apresentados como instrumentos de liberdade, e os alunos foram convidados a refletir sobre o significado da leitura em suas

vidas. A atividade foi permeada por falas da equipe gestora, professores e estagiários, que reforçaram a ideia de que a biblioteca pertence à comunidade escolar e deve ser cuidada como patrimônio cultural de todos. Esse momento cumpriu a função de despertar o encantamento inicial, reforçando a noção de pertencimento e responsabilidade compartilhada.

Dia 2: dinâmicas de escuta sensível e expressão artística.

O segundo dia foi dedicado a atividades interativas, privilegiando a escuta e a expressão dos estudantes. Foram realizadas dinâmicas de sensibilização, nas quais os alunos puderam relatar suas memórias com a leitura, suas dificuldades e expectativas em relação ao novo espaço. A escuta ativa possibilitou identificar demandas e desejos da comunidade estudantil, valorizando sua voz na construção coletiva do *Espaço Ler*. Em seguida, houve atividades de expressão artística — como desenhos, poesias e pequenas dramatizações — que deram forma às percepções e sentimentos dos alunos. Dessa maneira, o espaço da biblioteca foi imediatamente associado à criatividade, à liberdade e à produção cultural.

Dia 3: roda de conversa fundamentada em Freire sobre leitura, pertencimento e cidadania.

No terceiro dia, realizou-se uma roda de conversa inspirada nos princípios freirianos de diálogo e problematização. Os alunos foram convidados a discutir a leitura não apenas como técnica ou hábito escolar, mas como direito e prática de cidadania. Tomando como referência a ideia freiriana de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, os participantes refletiram sobre como os livros e as experiências de leitura se relacionam com sua vida cotidiana, com sua comunidade e com sua identidade cultural. Esse momento de diálogo crítico consolidou a biblioteca como espaço de formação integral, associando a leitura à emancipação social e política.

Assim, os três dias não se limitaram a inaugurar fisicamente um espaço, mas constituíram um processo pedagógico intencional de sensibilização,

escuta e reflexão crítica, em que a biblioteca se tornou efetivamente um território vivo de aprendizagem, cultura e democracia.

Essas ações confirmaram o papel do estágio como prática de gestão democrática, dialogando com a comunidade escolar e valorizando o protagonismo juvenil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revitalização da biblioteca gerou impactos simbólicos e concretos de grande relevância. O espaço antes ocioso, fechado e invisibilizado no cotidiano escolar, transformou-se em ambiente vivo de pertencimento, criatividade e afetividade. Os alunos, ao se reconhecerem como sujeitos ativos na construção do *Espaço Ler*, expressaram orgulho pelo resultado e motivação renovada para o contato com os livros, fortalecendo o protagonismo juvenil e ressignificando sua relação com a leitura. Essa mudança de percepção mostra que a intervenção não apenas reorganizou fisicamente um espaço, mas também mobilizou dimensões subjetivas, emocionais e identitárias dos estudantes.

Esses resultados dialogam com a análise de Bernabé Leonardeli, Alvarenga e Silva (2021), que apontam a precariedade estrutural das bibliotecas públicas como um dos maiores obstáculos à formação leitora, marcada por acervos desatualizados, ausência de bibliotecários e desorganização dos espaços. No entanto, os mesmos autores destacam que intervenções criativas e coletivas, quando associadas à intencionalidade pedagógica, podem ressignificar ambientes aparentemente perdidos, devolvendo-lhes a função educativa. Nesse sentido, a experiência do *Espaço Ler* confirma a ideia de que a biblioteca, quando tratada como espaço de diálogo e convivência, torna-se catalisadora de aprendizagens e sociabilidades.

Como observa Forneiro (1998, p. 233), “o ambiente fala”, transmitindo sensações e despertando encantamento, o que ficou evidente no novo arranjo da biblioteca: as cores, os elementos artísticos e a disposição acolhedora dos materiais produziram um espaço que convida ao estar, ao ler

e ao imaginar. Essa ressignificação estética reforçou a dimensão simbólica da intervenção, mostrando que a gestão escolar não se limita a processos administrativos, mas envolve também a criação de condições sensíveis que favoreçam a aprendizagem e a humanização.

Do ponto de vista da gestão, a intervenção provocou reflexões importantes na equipe diretiva e docente sobre a subutilização de outros ambientes escolares, suscitando a necessidade de repensar a função de cada espaço na escola. Nesse aspecto, a experiência evidencia o que Paro (2015) defende ao afirmar que a gestão democrática precisa se materializar em condições concretas que assegurem o acesso ao saber, garantindo à comunidade escolar participação efetiva na vida institucional. Ao reorganizar a biblioteca, o projeto não apenas devolveu um espaço de estudo, mas também materializou o princípio da escola como território coletivo, em que estudantes, professores e gestores compartilham responsabilidades e decisões.

Em síntese, os resultados do *Espaço Ler* revelam que a transformação de ambientes escolares aparentemente marginais pode gerar efeitos significativos sobre o clima escolar, a cultura institucional e o desenvolvimento integral dos estudantes. O impacto da intervenção reforça a compreensão de que a gestão democrática se constrói cotidianamente, em ações concretas que associam estética, pedagogia e política, abrindo novos caminhos para uma educação integral e emancipadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio em gestão escolar demonstrou que a gestão ultrapassa os limites burocráticos e administrativos, concretizando-se em práticas que ressignificam espaços e fortalecem vínculos. O projeto “Espaço Ler” evidenciou que a escola pode, mesmo com poucos recursos, transformar ambientes esquecidos em territórios educativos vivos, reafirmando a leitura como instrumento de emancipação. Ao promover essa intervenção, os estagiários vivenciaram de forma prática os princípios da gestão democrática, da pedagogia crítica e da formação integral. Assim, o estágio

cumpriu sua função formativa prevista no plano curricular (UFOPA, 2025/1), consolidando-se como experiência de articulação entre teoria, prática e compromisso social.

REFERÊNCIAS

- BERNABÉ LEONARDELI, P.; ALVARENGA, L. L. S.; SILVA, M. E. R. Os espaços escolares para a formação leitora. **Revista Estudos em Letras**, v. 2, n. 1, p. 213–227, 2021.
- FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, M. A. (Org.). **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PARO, V. H. **Diretor escolar: educador ou gerente?** São Paulo: Cortez, 2015.
- SANTOS, I. M.; PRADO, E. C. Do diretor ao gestor: um passeio pela história recente da administração educacional no Brasil. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 23, edição especial, 2018.
- SANTOS, I. M.; PRADO, E. C. A formação do professor-gestor: reflexões à luz do estágio curricular. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 23, edição especial, 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. Instituto de Ciências da Educação. Curso de Pedagogia. **Plano de Ensino do Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar – PED0105**. Docente responsável: Maria Lília Imbiriba Sousa Colares. Santarém, 2025.



Curso de Pedagogia